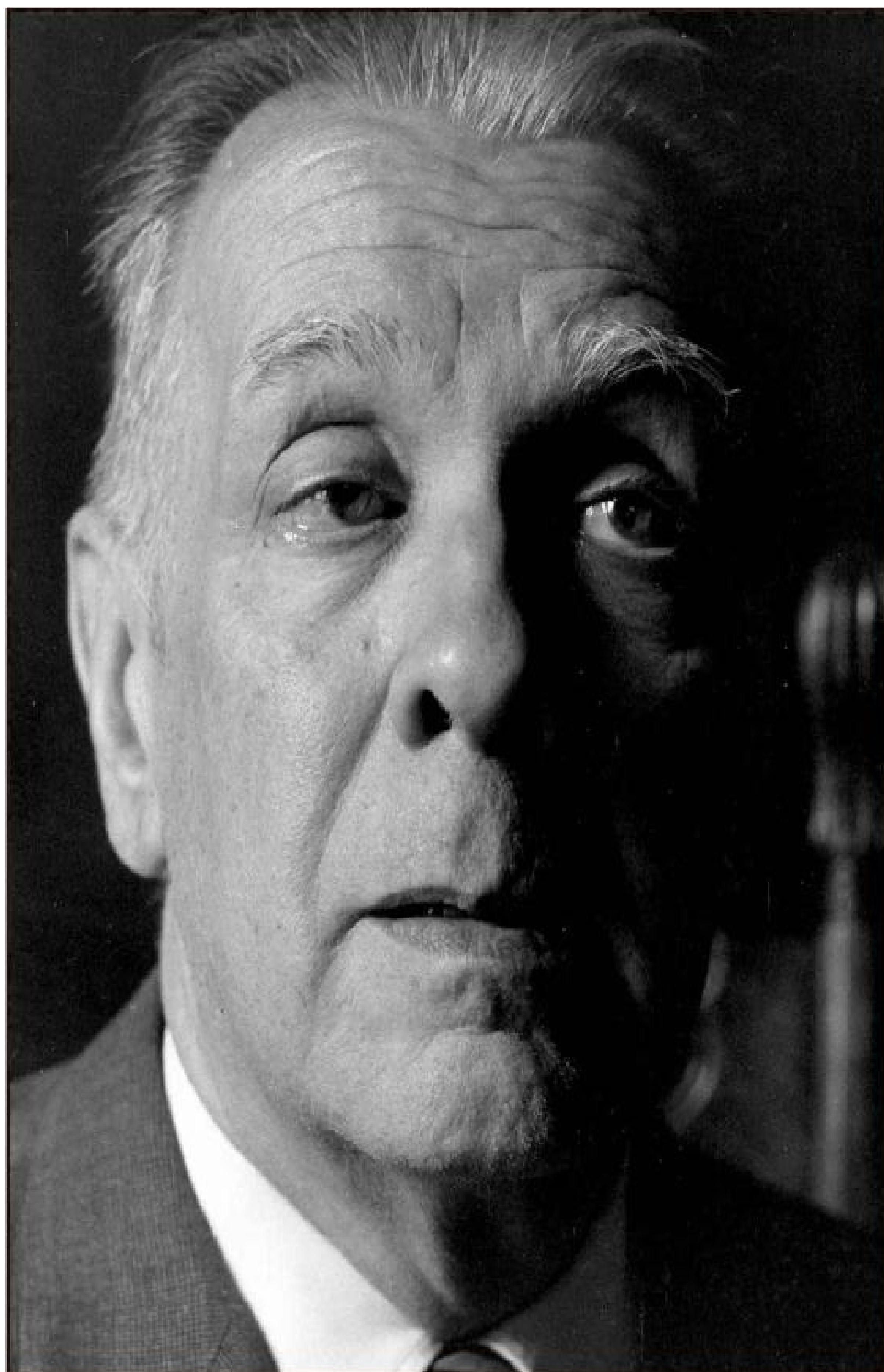
o livro de areia

jorge luis borges

borges

Companhia Das Letras



biblioteca borges

coordenação editorial

davi arrigucci jr.

heloisa jahn

jorge schwartz

maria emília bender

o livro de areia (1975)

jorge luis borges

tradução davi arrigucci jr.



o outro

O fato aconteceu no mês de fevereiro de 1969, ao norte de Boston, em Cambridge. Não o escrevi de imediato porque meu primeiro propósito foi esquecê-lo, para não perder a razão. Agora, em 1972, penso que, se o escrever, os outros o lerão como um conto e, com os anos, talvez o seja para mim.

Sei que foi quase atroz enquanto durou e ainda mais durante as noites de vigília que se seguiram. Isso não significa que relatá-lo possa comover um terceiro.

Seriam dez da manhã. Eu estava recostado num banco defronte ao rio Charles. A uns quinhentos metros à minha direita havia um edifício alto, cujo nome nunca soube. A água cinza arrastava grandes pedaços de gelo. Inevitavelmente, o rio fez que eu pensasse no tempo. A imagem milenar de Heráclito. Eu dormira bem, minha aula da tarde anterior tinha conseguido, creio, interessar os alunos. Não havia vivalma.

Tive de repente a impressão (que segundo os psicólogos corresponde aos estados de cansaço) de já ter vivido aquele momento. Na outra ponta de meu banco sentara-se alguém. Eu teria preferido ficar só, mas não quis me levantar em seguida, para não parecer descortês. O outro começara a assoviar. Foi então que ocorreu a primeira das muitas perturbações daquela manhã. O que ele assoviava, ou tentava assoviar (nunca tive muito ouvido), era o estilo crioulo de *La tapera*, de Elías Regules. O estilo me remeteu a um pátio desaparecido e à memória de Álvaro Melián Lafinur, que morreu há tantos anos. Depois vieram as palavras. Eram as da décima do início. A voz não era a de Álvaro, mas queria imitar a de Álvaro. Reconheci-a com horror.

Aproximei-me dele e disse:

— O senhor é uruguaio ou argentino?

— Argentino, mas desde os catorze anos moro em Genebra — foi a resposta.

Houve um silêncio longo. Perguntei-lhe:

— No número 17 de Malagnou, em frente à igreja russa?

Respondeu que sim.

— Nesse caso — disse-lhe resolutamente — o senhor se chama Jorge Luis Borges. Eu também sou Jorge Luis Borges. Estamos em 1969, na cidade de Cambridge.

— Não — respondeu com minha própria voz um pouco distante.

Depois de certo tempo insistiu:

— Eu estou aqui em Genebra, num banco, a alguns passos do Ródano. O estranho é que nos parecemos, mas o senhor é muito mais velho, com a cabeça cinza.

Respondi:

— Posso lhe provar que não minto. Vou lhe contar coisas que um desconhecido não pode saber. Em casa há uma bombilha e uma cuia de prata com um pé de serpentes que nosso bisavô trouxe do Peru. Também há uma bacia de prata, que pendia do arção. No armário do seu quarto há duas fileiras de livros. Os três volumes d'*As mil e uma noites* de Lane, com gravuras em aço e notas em corpo menor entre capítulo e capítulo, o dicionário latino de Quicherat, a *Germania* de Tácito em latim e na versão de Gordon, um *Don Quijote* da editora Garnier, as *Tablas de sangre* de Rivera Indarte, com a dedicatória do autor, o *Sartor Resartus* de Carlyle, uma biografia de Amiel e, escondido atrás dos demais, um livro em brochura sobre os costumes sexuais dos povos balcânicos. Também não esqueci um entardecer num primeiro andar da praça Dubourg.

— Dufour — corrigiu.

— Está certo, Dufour. Isso tudo é suficiente para você?

— Não — respondeu. — Essas provas não provam nada. Se eu o estiver sonhando, é natural que eu saiba o que sei. Seu catálogo prolixo é completamente inútil.

A objeção era justa. Respondi:

— Se esta manhã e este encontro forem sonhos, cada um dos dois tem de pensar que o sonhador é ele. Talvez deixemos de sonhar, talvez não. Nossa obrigação evidente, enquanto isso, é aceitar o sonho, como aceitamos o universo e ter sido gerados e olhar com os olhos e respirar.

— E se o sonho durasse? — disse com ansiedade.

Para tranquilizá-lo e me tranquilizar, fingi uma calma que certamente não sentia. Disse-lhe:

— Meu sonho já durou setenta anos. Afinal, ao recordar, não existe ninguém que não se encontre consigo mesmo. É o que nos está acontecendo agora, só que somos dois. Você não gostaria de saber algo de meu passado, que é o futuro que o espera?

Assentiu sem uma palavra. Prossegui um pouco perdido:

— A mãe está bem e com saúde na casa dela da Charcas com a Maipú, em Buenos Aires, mas o pai morreu há uns trinta anos. Morreu do coração. Uma hemiplegia acabou com ele; a mão esquerda posta sobre a mão direita era como a mão de um menino sobre a mão de um gigante. Morreu com impaciência de morrer, mas sem uma queixa. Nossa avó tinha morrido na mesma casa. Alguns dias antes do fim, chamou todos nós e disse: "Sou uma mulher muito velha, que está morrendo muito devagar. Que ninguém fique perturbado com uma coisa tão comum e corrente como essa". Norah, a sua irmã, casou-se e tem dois filhos. A propósito, em casa, como vão?

— Bem. Papai sempre com suas brincadeiras contra a fé. Ontem à noite afirmou que Jesus era como os *gauchos*, que não querem se comprometer, e que por isso pregava por parábolas.

Vacilou e disse:

— E o senhor?

— Não sei quantos livros você vai escrever, mas sei que são muitos. Escreverá poesias que lhe darão um prazer não compartilhado e contos de caráter fantástico. Dará aulas como seu pai e como tantos outros de nosso sangue.

Agradou-me que não perguntasse nada sobre o fracasso ou êxito dos livros. Mudei de tom e prossegui:

— No que se refere à história… Houve outra guerra, quase que entre os mesmos antagonistas. A França não tardou a capitular; a Inglaterra e a América travaram contra um ditador alemão, chamado Hitler, a cíclica Batalha de Waterloo. Buenos Aires, por volta de 1946, gerou outro Rosas, bastante parecido com o nosso parente. Em 55, a província de Córdoba nos salvou, como antes Entre Ríos. Agora, as coisas andam mal. A Rússia está se apoderando do planeta; os Estados Unidos, inibidos pela superstição da democracia, não se resolvem a ser um império. Cada dia que passa, nosso país fica mais provinciano. Mais provinciano e mais cheio de si, como se fechasse

os olhos. Não me surpreenderia se o ensino do latim fosse substituído pelo do guarani.

Notei que mal prestava atenção em mim. O medo elementar do impossível e no entanto verdadeiro assustava-o. Eu, que não fui pai, senti por aquele pobre rapaz, mais íntimo que um filho de minha carne, uma onda de amor. Vi que apertava entre as mãos um livro. Perguntei-lhe o que era.

— *Os possessos* ou, segundo creio, *Os demônios* de Fiódor Dostoiévski — replicou-me não sem vaidade.

— Praticamente o esqueci. Que tal é?

Nem bem o dissera, senti que a pergunta era uma blasfêmia.

— O mestre russo — pontificou — penetrou mais que qualquer outro nos labirintos da alma eslava.

Aquela tentativa retórica me pareceu uma prova de que se acalmara.

Perguntei-lhe que outros volumes do mestre tinha percorrido.

Enumerou dois ou três, entre eles *O sósia*.

Perguntei-lhe se, ao lê-los, distinguia bem os personagens, como no caso de Joseph Conrad, e se pensava prosseguir no exame da obra completa.

— O fato é que não — respondeu com certa surpresa.

Perguntei-lhe o que estava escrevendo e ele disse que preparava um livro de versos cujo título seria *Los himnos rojos*. Também havia pensado em *Los ritmos rojos*.

— Por que não? — disse. — Você pode citar bons antecedentes. O verso azul de Rubén Darío e a canção cinza de Verlaine.

Sem fazer caso de mim, esclareceu que seu livro cantaria a fraternidade de todos os homens. O poeta de nosso tempo não poderia dar as costas à sua época.

Fiquei pensando e perguntei-lhe se verdadeiramente se sentia irmão de todos. Por exemplo, de todos os empresários de pompas fúnebres, de todos os carteiros, de todos os escafandristas, de todos os que moram na calçada dos números pares, de todos os afônicos *et cetera*. Disse-me que seu livro se referia à grande massa dos oprimidos e dos párias.

— Sua massa de oprimidos e párias — respondi — não passa de uma abstração. Só existem os indivíduos, se é que alguém existe. “O homem de ontem não é o homem de hoje”, sentenciou algum grego. Nós dois, neste

banco de Genebra ou de Cambridge, somos talvez a prova.

Exceto nas severas páginas da história, os fatos memoráveis prescindem de frases memoráveis. Um homem à beira da morte quer se lembrar de uma gravura entrevista na infância; os soldados que vão entrar na batalha falam do barro ou do sargento. Nossa situação era única e, francamente, não estávamos preparados. Falamos, fatalmente, de letras; temo não ter dito outras coisas senão as que costumo dizer aos jornalistas. Meu *alter ego* acreditava na invenção ou descoberta de metáforas novas; eu, nas que correspondem a afinidades íntimas e notórias e que nossa imaginação já aceitou. A velhice dos homens e o ocaso, os sonhos e a vida, o curso do tempo e da água. Expus a ele essa opinião, que exporia num livro anos depois.

Quase não me escutava. De repente disse:

— Se o senhor foi eu, como explicar que tenha esquecido seu encontro com um senhor de idade que em 1918 lhe teria dito que ele também era Borges?

Não havia pensado naquela dificuldade. Respondi sem convicção:

— Talvez o fato tenha sido tão estranho que procurei esquecê-lo.

Arriscou uma tímida pergunta:

— Como vai sua memória?

Compreendi que, para um rapaz que nem completara vinte anos, um homem de mais de setenta era quase um morto. Respondi-lhe:

— Frequentemente se parece com o esquecimento, mas ainda encontra o que lhe pedem. Estudo anglo-saxão e não sou o último da classe.

Nossa conversa tinha durado demais para que fosse sonho.

Uma ideia repentina me ocorreu.

— Posso lhe provar imediatamente — disse-lhe — que você não está sonhando comigo. Ouça bem este verso, que você nunca leu, se bem me lembro.

Lentamente entoei a famosa linha:

L'hydre-univers tordant son corps écaillé d'astres.

Senti seu estupor quase temeroso. Repetiu-o em voz baixa, saboreando cada resplandecente palavra.

— É verdade — balbuciou. — Eu nunca poderei escrever uma linha como essa.

Hugo tinha nos unido.

Antes, ele repetira com fervor, agora me lembro, aquela breve peça em que Walt Whitman rememora uma noite compartilhada defronte ao mar, na qual foi realmente feliz.

— Se Whitman a cantou — observei —, é porque a desejava e não aconteceu. O poema ganha se imaginarmos que é a manifestação de um anseio, não a história de um fato.

Ficou me olhando.

— O senhor não o conhece — exclamou. — Whitman é incapaz de mentir.

Meio século não passa em vão. Sob nossa conversa de pessoas de leituras misturadas e gostos diversos, compreendi que não podíamos nos entender. Éramos diferentes demais e parecidos demais. Não podíamos nos enganar, o que torna difícil o diálogo. Cada um de nós era o arremedo caricatural do outro. A situação era suficientemente anormal para durar muito mais tempo. Aconselhar ou discutir era inútil, porque o inevitável destino dele era ser o que sou.

De repente me lembrei de uma fantasia de Coleridge. Alguém sonha que atravessa o paraíso e lhe dão como prova uma flor. Quando ele acorda, ali está a flor.

Ocorreu-me um artifício análogo.

— Ouça — disse eu —, você tem algum dinheiro?

— Sim — replicou. — Tenho uns vinte francos. Convidei Simón Jichlinski para irmos ao Crocodile hoje à noite.

— Diga a Simón que exercerá a medicina em Carouge, e que fará muito bem… agora me dê uma de suas moedas.

Tirou três escudos de prata e algumas moedas menores. Sem me compreender, ofereceu-me um dos primeiros.

Eu lhe estendi uma dessas imprudentes notas americanas que têm valor diferente mas o mesmo tamanho. Examinou-a com avidez.

— Não pode ser — gritou. — É datada de 1964.

(Meses depois alguém me disse que as cédulas de banco não trazem a data.)

— Tudo isto é um milagre — conseguiu dizer — e milagres dão medo. Os que foram testemunhas da ressurreição de Lázaro devem ter ficado horrorizados.

Não trocamos nada, pensei. Sempre as referências livrescas.

Rasgou a cédula e guardou a moeda.

Resolvi atirá-la ao rio. O arco do escudo de prata se perdendo no rio de prata teria conferido à minha história uma imagem vívida, mas a sorte não o quis.

Respondi que o sobrenatural, se acontece duas vezes, deixa de ser aterrador. Propus a ele que nos víssemos no dia seguinte, naquele mesmo banco que está em dois tempos e em dois lugares.

Assentiu de imediato e me disse, sem olhar o relógio, que estava tarde para ele. Os dois mentíamos e cada um sabia que seu interlocutor estava mentindo. Disse-lhe que vinham me buscar.

— Vêm buscá-lo? — perguntou.

— Sim. Quando você chegar à minha idade, terá perdido a vista quase por completo. Verá a cor amarela e sombras e luzes. Não fique preocupado. A cegueira gradual não é uma coisa trágica. É como um lento entardecer de verão.

Despedimo-nos sem nos haver tocado. No dia seguinte não fui. O outro tampouco terá ido.

Meditei muito sobre aquele encontro, que não contei a ninguém. Acredito ter descoberto a chave. O encontro foi real, mas o outro conversou comigo num sonho e por isso pôde me esquecer; eu conversei com ele na vigília e a lembrança ainda me atormenta.

O outro me sonhou, mas não me sonhou rigorosamente. Sonhou, agora o entendo, a impossível data no dólar.

ulrica

Hann tekr sverthit Gram ok

*leggr i methal theira bert.**

Völsunga Saga*, 27*

Meu relato será fiel à realidade ou, em todo caso, à minha lembrança pessoal da realidade, o que é a mesma coisa. Os fatos aconteceram há muito pouco, mas sei que o hábito literário é também o hábito de intercalar traços circunstanciais e de acentuar as ênfases. Quero narrar meu encontro com Ulrica (não soube seu sobrenome e talvez nunca o saiba) na cidade de York. A crônica vai abarcar uma noite e uma manhã.

Nada me custaria relatar que a vi pela primeira vez junto das Cinco Irmãs de York, aqueles vitrais puros de toda imagem que os iconoclastas de Cromwell respeitaram, mas o fato é que nos conhecemos na saleta da Northern Inn, que está do outro lado das muralhas. Éramos poucos e ela estava de costas. Alguém lhe ofereceu uma taça e ela recusou.

— Sou feminista — disse. — Não quero remedar os homens. Não gosto nem do fumo nem do álcool deles.

A frase pretendia ser engenhosa e imaginei que não era a primeira vez que a pronunciava. Soube depois que não combinava com ela, mas o que dizemos nem sempre se parece conosco.

Contou que chegara tarde ao museu, mas que a deixaram entrar quando souberam que era norueguesa.

Um dos presentes comentou:

— Não é a primeira vez que os noruegueses entram em York.

— É verdade — disse ela. — A Inglaterra foi nossa e a perdemos, se alguém puder ter ou perder alguma coisa.

Foi então que olhei para ela. Uma linha de William Blake fala de moças de suave prata ou de furioso ouro, mas em Ulrica estavam o ouro e a suavidade. Era leve e alta, de traços afilados e olhos cinza. Menos que seu rosto me impressionou seu ar de tranquilo mistério. Sorria com facilidade e o sorriso parecia distanciá-la. Vestia-se de preto, o que é raro nas terras do Norte, que procuram alegrar com cores o ambiente apagado. Falava um inglês nítido e preciso e acentuava levemente os erres. Não sou observador; essas coisas fui descobrindo pouco a pouco.

Fomos apresentados. Disse-lhe que era professor da Universidade dos Andes em Bogotá. Esclareci que era colombiano.

Perguntou-me de um modo pensativo:

— O que é ser colombiano?

— Não sei — respondi. — É um ato de fé.

— Como ser norueguesa — assentiu.

Nada mais posso recordar do que se disse naquela noite. No dia seguinte desci cedo à sala de jantar. Pela vidraça vi que tinha nevado; o planalto deserto se perdia na manhã. Não havia mais ninguém. Ulrica me convidou para a mesa dela. Disse-me que gostava de sair para caminhar sozinha.

Lembrei-me de uma brincadeira de Schopenhauer e respondi:

— Também eu. Podemos sair os dois juntos.

Afastamo-nos da casa, sobre a neve recente. Não havia vivalma nos campos. Propus a ela que fôssemos a Thorgate, que fica rio abaixo, a algumas milhas. Sei que já estava apaixonado por Ulrica; não teria desejado nenhuma outra pessoa a meu lado.

Ouvi de repente o longínquo uivo de um lobo. Nunca ouvi um lobo uivar, mas sei que era um lobo. Ulrica não se abalou.

Depois de algum tempo, disse como se pensasse em voz alta:

— As poucas e pobres espadas que vi ontem em York Minster me comoveram mais que as grandes naves do museu de Oslo.

Nossos caminhos cruzavam-se. Ulrica, naquela tarde, prosseguiria a viagem para Londres; eu, para Edimburgo.

— Em Oxford Street — disse — repetirei os passos de De Quincey, que procurava sua Anna perdida em meio à multidão de Londres.

— De Quincey — respondi — deixou de procurá-la. Eu, ao longo do tempo, continuo a procurá-la.

— Talvez — disse em voz baixa — a tenhas encontrado.

Compreendi que uma coisa inesperada não estava proibida para mim e lhe beijei a boca e os olhos. Afastou-me com suave firmeza e declarou em seguida:

— Serei sua na pousada de Thorgate. Peço-lhe que, por enquanto, não me toque. É melhor assim.

Para um celibatário entrado em anos, uma oferenda de amor é dom que já não se espera. O milagre tem direito a impor condições. Pensei em minha mocidade em Popayan e numa moça do Texas, clara e esbelta como Ulrica, que me negara seu amor.

Não incorri no erro de perguntar se gostava de mim. Compreendi que não era o primeiro e que não seria o último. Essa aventura, para mim talvez a última, seria uma de muitas para aquela resplandecente e resoluta discípula de Ibsen.

Prosseguimos de mãos dadas.

— Tudo isto é como um sonho — disse eu — e eu nunca sonho.

— Como aquele rei — replicou Ulrica — que não sonhou até que um feiticeiro o fez dormir numa pocilga.

Acrescentou em seguida:

— Ouça bem. Um pássaro está prestes a cantar.

Pouco depois ouvimos o canto.

— Nestas terras — disse — acreditam que quem está para morrer pode prever o futuro.

— E estou para morrer — disse ela.

Olhei-a atônito.

— Cortemos pelo bosque — apressei-a. — Chegaremos mais depressa a Thorgate.

— O bosque é perigoso — replicou.

Continuamos pelo planalto deserto.

— Eu gostaria que este momento durasse para sempre — murmurei.

— *Sempre* é uma palavra que não é permitida aos homens — afirmou Ulrica e, para atenuar a ênfase, pediu-me que repetisse meu nome, pois não ouvira bem.

— Javier Otárola — disse.

Ela quis repetir e não conseguiu. Eu também fracassei com o nome de Ulrikke.

— Vou chamá-lo Sigurd — afirmou com um sorriso.

— Se sou Sigurd — repliquei —, você será Brynhild.

Retardara o passo.

— Conhece a saga? — perguntei.

— Naturalmente — disse. — A trágica história que os alemães estragaram com seus tardios Nibelungos.

Não quis discutir e respondi:

— Brynhild, você caminha como se desejasse que entre nós houvesse uma espada na cama.

Estávamos de repente diante da pousada. Não me surpreendeu que se chamasse, como a outra, Northern Inn.

Do alto da escadaria Ulrica gritou para mim:

— Ouviu o lobo? Já não existem lobos na Inglaterra. Ande logo.

Ao subir ao andar de cima, notei que as paredes estavam empapeladas à maneira de William Morris, num vermelho muito profundo, com frutos e pássaros entrelaçados. Ulrica entrou primeiro. O aposento escuro era baixo, com um teto de duas águas. A esperada cama duplicava-se vagamente num cristal, e o mogno polido me lembrou o espelho da Escritura. Ulrica já se despira. Chamou-me por meu verdadeiro nome, Javier. Senti que a neve aumentava. Já não restavam móveis nem espelhos. Não havia espada alguma entre nós. Como a areia, escoava o tempo. Secular na sombra, o amor fluiu e possuí a imagem de Ulrica pela primeira e última vez.

---

* As notas deste volume são todas do tradutor.

“Ele pegou sua espada, Gram, e colocou entre eles dois o aço nu.”

o congresso

Ils s'acheminèrent vers un château immense,
au frontispice duquel on lisait: "Je n'appartiens
à personne et j'appartiens à tout le monde.
Vous y étiez avant que d'y entrer, et vous y serez
encore quand vous en sortirez".
Diderot, *Jacques le Fataliste et son maître* (1769)

Meu nome é Alejandro Ferri. Há nele ecos marciais, mas nem os metais da glória nem a grande sombra do macedônio — a frase é do autor de *Los mármoles*, cuja amizade me honrou — se parecem com o modesto homem cinzento que alinhava estas linhas, no andar de cima de um hotel da rua Santiago del Estero, num sul que já não é o Sul. A qualquer momento terei completado setenta e tantos anos; continuo dando aulas de inglês para alguns poucos alunos. Por indecisão ou por negligência ou por outras razões, não me casei, e agora estou só. Não sofro pela solidão; já é bastante esforço alguém tolerar a si mesmo e a suas próprias manias. Noto que estou envelhecendo; um sintoma inequívoco é o fato de que não me interessam ou surpreendem as novidades, talvez porque observe que nada de essencialmente novo há nelas e que não passam de tímidas variações. Quando era jovem, atraíam-me os entardeceres, os arrabaldes e a desventura; agora, as manhãs do centro e a serenidade. Já não brinco de ser Hamlet. Filiei-me ao partido conservador e a um clube de xadrez, que costumo frequentar como espectador, às vezes distraído. Um curioso pode exumar, em alguma obscura prateleira da Biblioteca Nacional da rua México, um exemplar de meu *Breve examen del idioma analítico de John Wilkins*, obra que exigiria outra edição, ao menos para corrigir ou atenuar seus muitos erros. O novo diretor da Biblioteca, dizem, é um literato que se dedicou ao estudo das línguas antigas, como se as atuais não fossem suficientemente rudimentares, e à exaltação demagógica de uma imaginária Buenos Aires de valentões. Jamais quis conhecê-lo. Cheguei

a esta cidade em 1899 e uma única vez o acaso me deparou com um valentão ou com um sujeito que tivesse fama disso. Mais adiante, se a ocasião se apresentar, contarei o episódio.

Já disse que estou só; dias atrás, um vizinho de quarto, que tinha me ouvido falar de Fermín Eguren, disse-me que este falecera em Punta del Este.

A morte daquele homem, que certamente nunca foi amigo meu, obstinou-se em me entristecer. Sei que estou só; sou na Terra o único guardião daquele acontecimento, o Congresso, cuja memória não poderei compartilhar. Sou agora o último congressista. É verdade que todos os homens o são, que não há um ser no planeta que não o seja, mas eu o sou de outro modo. Sei que o sou; isso me torna diferente de meus inumeráveis colegas, atuais e futuros. É verdade que no dia 7 de fevereiro de 1904 juramos pelo mais sagrado não revelar — existirá na Terra algo sagrado ou algo que não o seja? — a história do Congresso; não é menos certo, porém, que também faz parte do Congresso o fato de eu ser agora um perjuro. Esta declaração é obscura, mas pode acender a curiosidade de meus eventuais leitores.

De qualquer modo, a tarefa que me impus não é fácil. Nunca empreendi, nem sequer em sua modalidade epistolar, o gênero narrativo e, o que é sem dúvida muito mais grave, a história que vou registrar é incrível. A pena de José Fernández Irala, o poeta imerecidamente esquecido de *Los mármoles*, era a predestinada para esta empresa, mas já é tarde. Não vou falsear deliberadamente os fatos, mas pressinto que a negligência e a inabilidade me conduzirão, mais de uma vez, ao erro.

As datas precisas não importam. Lembremos que vim de Santa Fe, minha província natal, em 1899. Nunca voltei; acostumei-me a Buenos Aires, cidade que não me atrai, como quem se acostuma ao próprio corpo ou a uma velha doença. Prevejo, sem maior interesse, que logo hei de morrer; devo, por conseguinte, sofrear meu hábito digressivo e adiantar um pouco a narração.

Os anos não modificam nossa essência, se é que temos alguma; o impulso que me levaria, uma noite, ao Congresso do Mundo foi o que me trouxe, inicialmente, à redação da *Última Hora*. Para um pobre rapaz provinciano, ser jornalista pode ser um destino romântico, assim como um pobre rapaz da capital pode imaginar que é romântico o destino de um *gaucho* ou de um peão de chácara. Não me envergonha ter querido ser jornalista, rotina que agora me parece trivial. Lembro-me de ter ouvido Fernández Irala, meu colega, dizer que o jornalista escreve para o esquecimento e que o desejo dele era escrever para a memória e o tempo. Já havia cinzelado (o verbo era de uso comum) alguns dos sonetos perfeitos que apareceriam depois, com um que outro

ligeiro retoque, nas páginas de *Los mármoles*.

Não posso precisar a primeira vez que ouvi falar do Congresso. Talvez tenha sido naquela tarde em que o contador pagou meu salário mensal e eu, para celebrar aquela prova de que Buenos Aires me aceitara, propus a Irala que jantássemos juntos. Este se desculpou, alegando não poder faltar ao Congresso. Entendi de imediato que não se referia ao vaidoso edifício com uma cúpula, que fica no fundo de uma avenida povoada de espanhóis, mas a outro, mais secreto e mais importante. As pessoas falavam do Congresso, algumas com ostensiva ironia, outras baixando a voz, outras com sobressalto ou curiosidade; todas, creio, com ignorância. Alguns sábados depois Irala me convidou para acompanhá-lo. Já havia cumprido, confiou-me, os trâmites necessários.

Seriam nove ou dez da noite. No bonde disse-me que as reuniões preliminares tinham lugar aos sábados e que dom Alejandro Glencoe, talvez levado por meu nome, já dera sua assinatura. Entramos na Confitería del Gas. Os congressistas, que seriam quinze ou vinte, rodeavam uma mesa comprida; não sei se havia um estrado ou se minha memória o acrescenta. Reconheci no mesmo instante o presidente, que nunca vira. Dom Alejandro era um senhor de ar digno, já idoso, com a testa larga, os olhos cinza e uma barba avermelhada e encanecida. Sempre o vi de levita escura; costumava apoiar as mãos cruzadas na bengala. Era robusto e alto. À sua esquerda, havia um homem muito mais jovem, também de cabelo vermelho; sua cor violenta sugeria o fogo, e a da barba do senhor Glencoe, as folhas do outono. À direita havia um moço de rosto longo e testa singularmente curta, trajado como um dândi. Todos tinham pedido café, e um que outro, absinto. O que primeiro chamou minha atenção foi a presença de uma mulher, sozinha entre tantos homens. Na outra ponta da mesa havia um menino de dez anos, vestido de marinheiro, que não demorou a adormecer. Havia também um pastor protestante, dois inequívocos judeus e um negro com lenço de seda e roupa muito justa, à maneira dos *compadritos** das esquinas. Na frente do negro e do menino havia duas xícaras de chocolate. Não me lembro dos outros, exceto de um senhor Marcelo del Mazo, homem de suma cortesia e de fino diálogo, que nunca mais voltei a ver. Conservo uma fotografia apagada e deficiente de uma das reuniões, que não vou publicar, porque a indumentária da época, as cabeleiras e os bigodes lhe imprimiriam um ar burlesco e até miserável que daria uma ideia falsa da cena. Todos os grupos tendem a criar seu dialeto e seus ritos; o Congresso, que sempre teve para mim algo de sonho, parecia querer que os congressistas fossem descobrindo sem pressa a finalidade que almejava e até os nomes e sobrenomes dos colegas. Não tardei a compreender

que minha obrigação era não fazer perguntas e me abstive de interrogar Fernández Irala, que também não me disse nada. Não faltei nem um único sábado, mas demorei um ou dois meses para entender. Desde a segunda reunião, meu vizinho foi Donald Wren, um engenheiro da Ferrocarril Sud, que me daria aulas de inglês.

Dom Alejandro falava muito pouco; os demais não se dirigiam a ele, mas senti que falavam para ele e buscavam sua aprovação. Bastava um gesto lento da mão para que o tema do debate mudasse. Fui descobrindo pouco a pouco que o homem avermelhado da esquerda tinha o curioso nome de Twirl. Lembro-me de seu ar frágil, que é atributo de certas pessoas muito altas, como se a estatura lhes desse vertigem e as obrigasse a se curvar. Suas mãos, recordo, costumavam brincar com uma bússola de cobre que, de vez em quando, ele pousava na mesa. No final de 1914 morreu como soldado de infantaria num regimento irlandês. Quem sempre ficava à direita era o jovem de testa curta, Fermín Eguren, sobrinho do presidente. Não acredito nos métodos do realismo, gênero artificial se é que isso existe; prefiro revelar de uma vez só o que compreendi gradualmente. Antes quero lembrar ao leitor minha situação de então: eu era um pobre rapaz de Casilda, filho de chacareiros, que havia chegado a Buenos Aires e que de repente se encontrava, assim o senti, no íntimo centro de Buenos Aires e talvez, quem sabe, do mundo. Meio século passou e continuo sentindo aquele deslumbramento inicial, que decerto não foi o último.

Eis aqui os fatos; vou narrá-los com toda a brevidade. Dom Alejandro Glencoe, o presidente, era um estancieiro uruguaio, dono de uma propriedade no campo que ficava na fronteira com o Brasil. Seu pai, oriundo de Aberdeen, fixara-se neste continente em meados do século anterior. Trouxe consigo uns cem livros, os únicos que, atrevo-me a afirmar, dom Alejandro leu no decurso de sua vida. (Falo desses livros heterogêneos, que tive nas mãos, porque num deles está a raiz de minha história.) O primeiro Glencoe, ao morrer, deixou uma filha e um filho, que seria depois nosso presidente. A filha casou-se com um Eguren e foi a mãe de Fermín. Dom Alejandro aspirou certa vez a ser deputado, mas os chefes políticos lhe fecharam as portas do Congresso do Uruguai. O homem irritou-se e resolveu fundar outro Congresso de mais vasto alcance. Recordou ter lido numa das páginas vulcânicas de Carlyle o destino daquele Anacharsis Cloots, devoto da deusa Razão, que à frente de trinta e seis estrangeiros falou como “orador do gênero humano” perante uma assembleia de Paris. Movido pelo exemplo dele, dom Alejandro concebeu o propósito de organizar um Congresso do Mundo que representaria todos os homens de todas as nações. O centro das reuniões preliminares era a

Confitería del Gas; o ato de abertura, para o qual se previra um prazo de quatro anos, teria sua sede na propriedade de dom Alejandro. Este que, como tantos uruguaios, não era partidário de Artigas, gostava de Buenos Aires, mas resolvera que o Congresso se reunisse em sua pátria. Curiosamente, o prazo original se cumpriria com uma precisão quase mágica.

No início recebíamos nossas diárias, que não eram desprezíveis, mas o fervor que inflamava a todos nós fez que Fernández Irala, que era tão pobre quanto eu, renunciasse à dele e o mesmo fizemos os demais. Essa medida foi benéfica, já que serviu para separar o joio do trigo; o número de congressistas diminuiu e só ficamos os fiéis. O único cargo remunerado foi o da secretária, Nora Erfjord, que carecia de outros meios de vida e cujo trabalho era esmagador. Organizar uma entidade que abrange o planeta não é uma empresa banal. As cartas iam e vinham e da mesma forma os telegramas. Chegavam adesões do Peru, da Dinamarca e do Hindustão. Um boliviano assinalou que sua pátria carecia de todo acesso ao mar e que essa lamentável carência deveria ser o tema de um dos primeiros debates.

Twirl, cuja inteligência era lúcida, observou que o Congresso pressupunha um problema de caráter filosófico. Planejar uma assembleia que representasse todos os homens era como fixar o número exato dos arquétipos platônicos, enigma que ocupou durante séculos a perplexidade dos pensadores. Sugeriu que, sem ir mais longe, dom Alejandro Glencoe podia representar os criadores de gado, mas também os uruguaios e também os grandes precursores e também os homens de barba vermelha e os que estão sentados numa poltrona. Nora Erfjord era norueguesa. Representaria as secretárias, as norueguesas ou simplesmente todas as mulheres bonitas? Bastava um engenheiro para representar todos os engenheiros, inclusive os da Nova Zelândia?

Foi então, creio, que Fermín interveio.

— Ferri é o representante dos gringos — disse com uma gargalhada.

Dom Alejandro olhou para ele com severidade e disse sem pressa:

— O senhor Ferri é o representante dos imigrantes, cujo trabalho está levantando o país.

Nunca Fermín Eguren pôde me ver. Exercia diversas soberbas: a de ser uruguaio, a de ser crioulo, a de atrair todas as mulheres, a de ter escolhido um alfaiate caro e, jamais vou saber por quê, a de sua estirpe basca, gente que à margem da história não fez outra coisa além de ordenhar vacas.

Um incidente dos mais triviais selou nossa inimizade. Depois de uma sessão, Eguren propôs que fôssemos à rua Junín. O projeto não me atraía, mas

aceitei, para não me expor a suas chacotas. Fomos com Fernández Irala. Ao sair de casa, cruzamos com um grandalhão. Eguren, que estava um pouco alto, deu um empurrão nele. O outro nos barrou o caminho e disse:

— Quem quiser sair vai ter de passar por esta faca.

Lembro o brilho do aço no escuro do vestíbulo. Eguren se lançou para trás, aterrorizado. Eu não estava muito seguro, mas meu ódio pôde mais que o susto. Levei a mão à cava, como para sacar uma arma, e disse com voz firme:

— Isso vamos resolver na rua.

O desconhecido me respondeu, já com outra voz.

— Gosto de homens assim. Só queria testá-los, amigo.

Agora ria afavelmente.

— Essa coisa de amigo fica por sua conta — repliquei, e saímos.

O homem da faca entrou no prostíbulo. Disseram-me depois que se chamava Tapia ou Paredes ou algo pelo estilo e que tinha fama de arreliento. Já na calçada, Irala, que tinha se mantido calmo, deu-me uma palmada e declarou com ênfase:

— No meio dos três havia um mosqueteiro. Salve, D'Artagnan!

Fermín Eguren nunca me perdoou ter sido testemunha de sua frouxidão.

Sinto que agora, e só agora, começa a história. As páginas já escritas não registraram nada além das condições que o acaso ou o destino exigia para que acontecesse o fato incrível, talvez o único de toda a minha vida. Dom Alejandro Glencoe era sempre o centro da trama, mas gradualmente sentimos, não sem algum assombro e sobressalto, que o verdadeiro presidente era Twirl. Esse singular personagem de bigode fulgente adulava Glencoe e até Fermín Eguren, mas de um modo tão exagerado que podia passar por zombaria e não comprometia sua dignidade. Glencoe tinha a soberba de sua vasta fortuna; Twirl descobriu que, para impor a ele um projeto, bastava sugerir que seu custo era por demais oneroso. De início, o Congresso não fora mais, suspeito, que um vago nome; Twirl propunha contínuas ampliações, que dom Alejandro sempre aceitava. Era como estar no centro de um círculo crescente, que aumenta sem fim, distanciando-se. Declarou, por exemplo, que o Congresso não podia prescindir de uma biblioteca de livros de consulta; Nierenstein, que trabalhava numa livraria, foi conseguindo para nós os atlas de Justus Perthes e diversas e extensas enciclopédias, desde a *Historia naturalis* de Plínio e o *Speculum*, de Beauvais, até os gratos labirintos (releio

estas palavras com a voz de Fernández Irala) dos ilustres enciclopedistas franceses, da *Britannica*, de Pierre Larousse, de Brockhaus, de Larsen e de Montaner e Simón. Lembro-me de ter acariciado com reverência os sedosos volumes de certa enciclopédia chinesa, cujos caracteres bem pincelados me pareceram mais misteriosos que as manchas da pele de um leopardo. Não direi ainda o fim que tiveram e que por certo não lamento.

Dom Alejandro havia se apegado a Fernández Irala e a mim, talvez porque fôssemos os únicos que não procuravam adulá-lo. Convidou-nos para passar uns dias na estância La Caledonia, onde já estavam trabalhando os peões pedreiros.

No fim de uma longa navegação rio acima e de uma travessia em balsa, pisamos a outra margem num amanhecer. Depois tivemos de pousar em vendas miseráveis e de abrir e fechar muitas porteiras na Cuchilla Negra. Íamos numa carruagem; o campo me pareceu maior e mais solitário que o da chácara em que nasci.

Conservo ainda minhas duas imagens da estância: a que eu tinha previsto e a que os meus olhos viram afinal. Absurdamente eu imaginara, como num sonho, uma combinação impossível da planície de Santa Fe e do Palacio de las Aguas Corrientes; La Caledonia era uma casa comprida, de adobe, com o teto de palha de duas águas e com uma galeria de tijolo. Pareceu-me construída para a intempérie e para muito tempo. As paredes toscas tinham quase uma vara de espessura e as portas eram estreitas. Não ocorrera a ninguém plantar uma árvore. O primeiro e o último sol batiam nela. Os currais eram de pedra; o gado, numeroso, magro e chifrudo; as caudas emaranhadas dos cavalos chegavam até o chão. Pela primeira vez senti o sabor do animal recém-carneado. Trouxeram algumas sacolas de bolacha; o capataz disse-me, dias depois, que nunca tinha provado pão em sua vida. Irala perguntou onde ficava o banheiro; dom Alejandro, com um gesto largo, mostrou-lhe o continente. A noite era de lua; saí para dar uma volta e o surpreendi, vigiado por uma ema.

O calor, que a noite não tinha atenuado, era insuportável e todos enalteciam o ar fresco. Os quartos eram baixos e muitos e me pareceram desmantelados; destinaram-nos um que dava para o sul; nele havia dois catres e uma cômoda, com a bacia e a jarra que eram de prata. O piso era de terra.

No dia seguinte, dei com a biblioteca e com os volumes de Carlyle e procurei as páginas dedicadas ao orador do gênero humano, Anacharsis Cloots, que tinha me conduzido àquela manhã e àquela solidão. Depois do café, idêntico ao jantar, dom Alejandro mostrou-nos os trabalhos.

Percorremos uma légua a cavalo, em meio aos descampados. Irala, cuja equitação era temerosa, teve um percalço; o capataz observou sem um sorriso:

— O portenho sabe apear muito bem.

De longe vimos a obra. Uma vintena de homens construíra uma espécie de anfiteatro despedaçado. Recordo uns andaimes e uma arquibancada que deixavam entrever espaços de céu.

Mais de uma vez tentei conversar com os *gauchos*, mas meu empenho fracassou. De algum modo sabiam que eram diferentes. Para se entenderem entre eles, usavam parcamente um espanhol fanhoso e abrasileirado. Sem dúvida, corriam por suas veias sangue índio e sangue negro. Eram fortes e baixos; em La Caledonia eu era um homem alto, coisa que não havia me acontecido até então. Quase todos usavam chiripá, e um que outro, bombacha. Pouco ou nada tinham em comum com os sofridos personagens de Hernández ou de Rafael Obligado. Sob o estímulo do álcool dos sábados, tornavam-se facilmente violentos. Não havia nenhuma mulher e jamais ouvi uma guitarra.

Mais que os homens daquela fronteira, interessou-me a mudança total que havia se operado em dom Alejandro. Em Buenos Aires, era um senhor afável e comedido; em La Caledonia, o severo chefe de um clã, como seus antepassados. Nos domingos de manhã lia a Sagrada Escritura para os peões, que não entendiam uma única palavra. Uma noite, o capataz, um jovem que herdara o cargo do pai, avisou-nos que um agregado e um peão tinham se entreverado a punhaladas. Dom Alejandro levantou-se sem maior pressa. Chegou até a roda, tirou a arma que costumava carregar, deu-a ao capataz, que me pareceu acovardado, e abriu caminho entre os aços. Ouvi em seguida a ordem:

— Soltem a faca, rapazes.

Com a mesma voz tranquila acrescentou:

— Agora, deem-se as mãos e comportem-se. Não quero barulho aqui.

Os dois obedeceram. No outro dia soube que dom Alejandro despedira o capataz.

Senti que a solidão me cercava. Temi nunca mais voltar para Buenos Aires. Não sei se Fernández Irala compartilhou aquele temor, mas falávamos muito da Argentina e do que faríamos na volta. Sentia falta dos leões de um portão da rua Jujuy, perto da praça do Once, ou da luz de certo armazém de imprecisa topografia, não dos lugares habituais. Sempre fui bom ginete; habituei-me a sair a cavalo e percorrer longas distâncias. Ainda me lembro

daquele mouro que eu costumava selar e que já terá morrido. Talvez alguma tarde ou alguma noite tenha estado no Brasil, porque a fronteira não era outra coisa senão uma linha traçada por mourões.

Tinha aprendido a não contar os dias quando, no fim de um dia como os outros, dom Alejandro nos advertiu:

— Agora vamos nos deitar. Amanhã saímos com a fresca.

Já rio abaixo me senti tão feliz que pude pensar com carinho em La Caledonia.

Reatamos as reuniões dos sábados. Na primeira, Twirl pediu a palavra. Disse, com as habituais flores retóricas, que a biblioteca do Congresso do Mundo não podia se reduzir a livros de consulta e que as obras clássicas de todas as nações e línguas eram um verdadeiro testemunho que não podíamos ignorar sem perigo. A proposta foi aprovada de imediato; Fernández Irala e o doutor Cruz, que era professor de latim, aceitaram a missão de escolher os textos necessários. Twirl já falara do assunto com Nierenstein.

Naquele tempo não havia um único argentino cuja Utopia não fosse a cidade de Paris. Talvez o mais impaciente de todos nós fosse Fermín Eguren: seguia-o Fernández Irala, por razões bem diferentes. Para o poeta de *Los mármoles*, Paris era Verlaine e Leconte de Lisle; para Eguren, uma continuação melhorada da rua Junín. Tinha se entendido, suspeito-o, com Twirl. Este, noutra reunião, discutiu o idioma que os congressistas usariam e a conveniência de que os delegados fossem a Londres e a Paris, para se documentarem. Para fingir imparcialidade, propôs primeiro meu nome e, após uma ligeira vacilação, o de seu amigo Eguren. Dom Alejandro, como sempre, assentiu.

Creio ter escrito que Wren, em troca de umas aulas de italiano, iniciara-me no estudo do infinito idioma inglês. Prescindiu, no possível, da gramática e das orações fabricadas para a aprendizagem e entramos diretamente na poesia, cujas formas exigem a brevidade. Meu primeiro contato com a linguagem que povoaria minha vida foi o valioso *Requiem* de Stevenson; depois vieram as baladas que Percy revelou ao decoroso século xviii. Pouco antes de partir para Londres, conheci o deslumbramento de Swinburne, que me levou a duvidar, como quem comete um sacrilégio, da eminência dos alexandrinos de Irala.

Cheguei a Londres no início de janeiro de 1902; recordo a carícia da neve, que eu nunca vira e que agradeci. Felizmente, não me tocou viajar com Eguren. Hospedei-me numa módica pensão atrás do Museu Britânico, cuja biblioteca frequentava de manhã e de tarde, em busca de um idioma que fosse

digno do Congresso do Mundo. Não descuidei das línguas universais; aproximei-me do esperanto — que o *Lunario sentimental* qualifica de “equitativo, simples, econômico” — e do volapuque, que quer explorar todas as possibilidades linguísticas, declinando os verbos e conjugando os substantivos. Considerei os argumentos pró e contra ressuscitar o latim, cuja nostalgia não cessou de perdurar depois de séculos. Detive-me também no exame do idioma analítico de John Wilkins, no qual a definição de cada palavra está nas letras que a formam. Foi sob a alta cúpula da sala que conheci Beatriz.

Esta é a história geral do Congresso do Mundo, não a de Alejandro Ferri, a minha, mas a primeira abarca a última, como a todas as outras. Beatriz era alta, esbelta, de traços puros e de uma cabeleira vermelha que poderia ter me lembrado e nunca o fez a do oblíquo Twirl. Não tinha completado vinte anos. Deixara um dos condados do Norte para ser aluna de letras da universidade. Sua origem, como a minha, era humilde. Ser de cepa italiana em Buenos Aires era ainda desonroso; em Londres descobri que para muitos era um atributo romântico. Poucas tardes demoramos para ser amantes; pedi-lhe que se casasse comigo, mas Beatriz Frost, como Nora Erfjord, era devota da fé pregada por Ibsen e não queria se prender a ninguém. De sua boca nasceu a palavra que eu não me atrevia a dizer. Ó noites, ó tépida treva compartida, ó amor que flui na sombra como rio secreto, ó momento de deleite em que cada um é os dois, ó inocência e candor da ventura, ó união em que nos perdíamos para depois nos perdermos no sonho, ó alvores do dia e eu a contemplá-la.

Na áspera fronteira do Brasil a nostalgia havia me acossado; não assim o labirinto vermelho de Londres, que me deu tantas coisas. Apesar dos pretextos que urdi para retardar a partida, tive de voltar no fim do ano; celebramos juntos o Natal. Prometi-lhe que dom Alejandro a convidaria para fazer parte do Congresso; replicou-me, de modo vago, que lhe interessaria visitar o hemisfério austral e que um primo dela, dentista, tinha se radicado na Tasmânia. Beatriz não quis ver o navio; a despedida, em sua opinião, era uma ênfase, uma insensata festa da infelicidade, e ela detestava as ênfases. Dissemo-nos adeus na biblioteca onde nos conhecemos no inverno anterior. Sou um homem covarde; não lhe deixei meu endereço, para evitar a angústia de esperar cartas.

Notei que as viagens de volta duram menos que as de ida, mas a travessia do Atlântico, pesada de recordações e inquietudes, pareceu-me muito extensa. Nada me doía tanto quanto pensar que paralelamente à minha vida Beatriz iria vivendo a dela, minuto por minuto e noite por noite. Escrevi uma carta de muitas páginas, que rasguei ao zarpar de Montevidéu. Aportei na pátria numa

quinta-feira; Irala me esperava no cais. Voltei ao meu antigo aposento na rua Chile; aquele dia e o seguinte passamos falando e caminhando. Eu queria recuperar Buenos Aires. Foi um alívio saber que Fermín Eguren continuava em Paris; o fato de ter regressado antes dele atenuaria de algum modo minha longa ausência.

Irala estava descorçoado. Fermín dilapidava na Europa somas exorbitantes e desacatara mais de uma vez a ordem de voltar imediatamente. Isso era previsível. Mais me inquietaram outras notícias; Twirl, apesar da oposição de Irala e de Cruz, tinha invocado Plínio, o Jovem, segundo o qual não existe livro tão ruim que não contenha algo de bom, e propusera a compra indiscriminada de coleções de *La Prensa*, de três mil e quatrocentos exemplares do *Don Quijote*, em diversos formatos, do epistolário de Balmes, de teses universitárias, de contas, de boletins e de programas de teatro. Tudo é testemunho, dissera. Nierenstein o apoiou; dom Alejandro, “depois de três sábados sonoros”, aprovou a moção. Nora Erfjord renunciara ao cargo de secretária; fora substituída por um sócio novo, Karlinski, que era um instrumento de Twirl. Agora os pacotes desmedidos iam se empilhando, sem catálogo ou fichário, nos quartos do fundo e na adega do casarão de dom Alejandro. No início de julho, Irala passara uma semana em La Caledonia; os pedreiros haviam interrompido o trabalho. O capataz, indagado, explicou que assim ordenara o patrão e que para o tempo o que sobra são dias.

Em Londres eu redigira um informe, que não vem ao caso lembrar; na sexta-feira, fui cumprimentar dom Alejandro e entregar-lhe meu texto. Fernández Irala acompanhou-me. Era de tarde e na casa entrava o pampeiro. Defronte ao portão da rua Alsina esperava um coche com três cavalos. Lembro-me de homens encurvados que iam descarregando os fardos no último pátio; Twirl, imperioso, dava-lhes ordens. Ali estavam também, como se pressentissem alguma coisa, Nora Erfjord e Nierenstein e Cruz e Donald Wren e mais um ou dois congressistas. Nora abraçou-me e me beijou e aquele abraço e aquele beijo me recordaram outros. O negro, bonachão e feliz, beijou minha mão.

Num dos quartos estava aberta a portinhola quadrada do porão; alguns degraus de tijolo se perdiam na sombra.

Bruscamente ouvimos passos. Antes de vê-lo, soube que era dom Alejandro que entrava. Quase como se corresse, chegou.

Sua voz estava diferente; não era a do senhor ponderado que presidia nossos sábados nem a do estancieiro feudal que proibia um duelo de faca e que pregava a palavra de Deus a seus *gauchos*, mas parecia mais com a última.

Sem olhar para ninguém, mandou:

— Vão tirando todo o amontoado daí de baixo. Que não fique um livro no porão.

A tarefa durou quase uma hora. Acumulamos no pátio de terra uma pilha mais alta que os mais altos de nós. Todos íamos e vínhamos; o único que não se moveu foi dom Alejandro.

Depois veio a ordem:

— Agora toquem fogo nesses volumes.

Twirl estava muito pálido. Nierenstein conseguiu murmurar:

— O Congresso do Mundo não pode prescindir desses auxiliares preciosos que selecionei com tanto amor.

— O Congresso do Mundo? — disse dom Alejandro. Riu com ironia e eu nunca o tinha ouvido rir.

Há um misterioso prazer na destruição; as chamas crepitaram com resplendor e nós, os homens, juntamo-nos contra os muros ou nos quartos. Noite, cinza e cheiro a queimado ficaram no pátio. Lembro-me de umas folhas perdidas que se salvaram, brancas sobre a terra. Nora Erfjord, que professava por dom Alejandro aquele amor que as mulheres jovens costumam professar pelos homens velhos, disse sem entender:

— Dom Alejandro sabe o que faz.

Irala, fiel à literatura, arriscou uma frase:

— A cada tantos séculos é preciso queimar a Biblioteca de Alexandria.

Depois nos chegou a revelação:

— Levei quatro anos para compreender o que lhes digo agora. O empreendimento que realizamos é tão vasto que abarca, agora o sei, o mundo inteiro. Não se trata de uns quantos tagarelas que causam confusão nos galpões de uma estância perdida. O Congresso do Mundo começou com o primeiro instante do mundo e prosseguirá quando formos pó. Não existe um lugar em que não esteja. O Congresso é os livros que queimamos. O Congresso é os caledônios que derrotaram as legiões dos Césares. O Congresso é Jó na imundície e Cristo na cruz. O Congresso é aquele moço inútil que desperdiça meus bens com as rameiras.

Não pude me conter e o interrompi:

— Dom Alejandro, eu também sou culpado. Eu tinha concluído o informe,

que lhe trago, e permaneci na Inglaterra, gastando seu dinheiro, por amor a uma mulher.

Dom Alejandro continuou:

— Já o supunha, Ferri. O Congresso é meus touros. O Congresso é os touros que vendi e as léguas de campo que não são minhas.

Uma voz consternada se elevou; era a de Twirl.

— Não vá nos dizer que vendeu La Caledonia!

Dom Alejandro respondeu sem pressa:

— Sim, vendi. Já não me resta um palmo de terra, mas minha ruína não me magoa, porque agora entendo. Talvez não nos vejamos mais, porque o Congresso não precisa mais de nós, mas esta última noite vamos todos olhar o Congresso.

Estava ébrio de vitória. Sua fé e sua firmeza nos impregnaram. Ninguém nem por um segundo pensou que estivesse louco.

Na praça tomamos um coche aberto. Eu me acomodei na boleia, junto do cocheiro, e dom Alejandro ordenou:

— Mestre, vamos percorrer a cidade. Leve-nos aonde quiser.

O negro, encarapitado num estribo, não parava de sorrir. Nunca saberei se entendeu algo.

As palavras são símbolos que postulam uma memória compartilhada. A que agora quero historiar é somente minha; aqueles que a compartilharam estão mortos. Os místicos invocam uma rosa, um beijo, um pássaro que é todos os pássaros, um sol que é todas as estrelas e o sol, um cântaro de vinho, um jardim ou o ato sexual. Dessas metáforas nenhuma me serve para aquela longa noite de júbilo, que nos deixou, cansados e felizes, nos confins da aurora. Quase não falamos, enquanto as rodas e os cascos retumbavam sobre as pedras. Antes do alvorecer, perto de uma água escura e humilde, que era talvez o Maldonado ou talvez o Riachuelo, a alta voz de Nora Erfjord entoou a balada de Patrick Spens e dom Alejandro fez coro a um que outro verso em voz baixa, desafinadamente. As palavras inglesas não me trouxeram a imagem de Beatriz. Atrás de mim, Twirl murmurou:

— Quis fazer o mal e faço o bem.

Alguma coisa do que entrevimos perdura — o paredão avermelhado da Recoleta, o paredão amarelo da prisão, dois homens dançando juntos numa esquina sem chanfradura, um átrio xadrez com uma grade, as barreiras do

trem, minha casa, um mercado, a noite úmida e insondável —, mas nenhuma dessas coisas fugazes, que talvez tenham sido outras, importa. O importante foi sentir que nosso plano, do qual mais de uma vez zombamos, existia real e secretamente e era o universo e todos nós. Sem maior esperança, procurei ao longo dos anos o sabor daquela noite; certa vez acreditei recuperá-la na música, no amor, na incerta memória, mas não voltou, exceto uma única madrugada, num sonho. Quando juramos não dizer nada a ninguém, já era a manhã do sábado.

Não voltei a vê-los, a não ser Irala. Jamais comentamos a história; qualquer palavra nossa teria sido uma profanação. Em 1914 dom Alejandro Glencoe morreu e foi sepultado em Montevidéu. Irala havia morrido no ano anterior.

Com Nierenstein cruzei uma vez na rua Lima e fingimos não nos ver.

---

* O *compadrito* foi, como escreveu Borges, "o plebeu das cidades e do indefinido arrabalde, assim como o *gaucho* o foi da planície e das coxilhas". J. L. Borges e Silvina Bullrich, *El compadrito* (Buenos Aires: Compañía General Fabril Editora, 1968), p. 11.

there are more things

à memória de Howard P. Lovecraft

Às vésperas de prestar o último exame na Universidade do Texas, em Austin, soube que meu tio Edwin Arnett morrera de um aneurisma, nos confins remotos do continente. Senti o que sentimos quando alguém morre: a angústia, já inútil, de que nada nos teria custado ter sido melhores. O homem se esquece de que é um morto que conversa com mortos. A matéria que eu cursava era filosofia; lembrei que meu tio, sem invocar um único nome próprio, tinha me revelado suas belas perplexidades, lá na Casa Colorada, perto de Lomas. Uma das laranjas da sobremesa foi seu instrumento para me iniciar no idealismo de Berkeley; o tabuleiro de xadrez bastou-lhe para os paradoxos eleáticos. Anos mais tarde me emprestaria os tratados de Hinton, que busca demonstrar a realidade de uma quarta dimensão do espaço, a qual o leitor consegue intuir mediante complicados exercícios com cubos coloridos. Não me esquecerei dos prismas e pirâmides que construímos no piso do escritório.

Meu tio era engenheiro. Antes de se aposentar de seu cargo na Ferrovia, decidiu se estabelecer em Turdera, que lhe oferecia as vantagens de uma solidão quase agreste e da proximidade de Buenos Aires. Nada mais previsível que o arquiteto escolhido fosse seu amigo íntimo Alexander Muir. Esse homem rígido professava a rígida doutrina de Knox; meu tio, à maneira de quase todos os senhores de sua época, era livre-pensador, ou melhor, agnóstico, mas lhe interessava a teologia, assim como lhe interessavam os cubos enganosos de Hinton ou os pesadelos bem tramados do jovem Wells. Gostava de cães; tinha um grande ovelheiro que apelidara de Samuel Johnson em memória de Lichfield, sua distante cidade natal.

A Casa Colorada ficava num alto, cercada na direção do poente por terrenos

alagadiços. Do outro lado da grade, as araucárias não atenuavam seu ar pesado. Em lugar de terraços havia telhados de ardósia de duas águas e uma torre quadrada com um relógio, que pareciam oprimir as paredes e as poucas janelas. Quando menino, eu aceitava aquelas feiuras como se aceitam essas coisas incompatíveis que só pela razão de coexistirem levam o nome de universo.

Regressei à pátria em 1921. Para evitar litígios, tinham leiloado a casa; adquiriu-a um forasteiro, Max Preetorius, que pagou o dobro da soma oferecida pelo melhor licitador. Assinada a escritura, ele chegou ao entardecer com dois ajudantes e atiraram numa vala, não longe do Camino de las Tropas, todos os móveis, todos os livros e todos os utensílios da casa. (Recordei com tristeza os diagramas dos volumes de Hinton e a grande esfera terráquea.) No outro dia, foi conversar com Muir e lhe propôs certas reformas, que este recusou com indignação. Posteriormente, uma empresa da capital encarregou-se da obra. Os marceneiros da localidade negaram-se a mobiliar de novo a casa; um tal Mariani, de Glew, aceitou afinal as condições que lhe impôs Preetorius. Durante uma quinzena, teve de trabalhar de noite, a portas fechadas. Foi também à noite que se instalou na Casa Colorada o novo habitante. As janelas já não ficavam abertas, mas no escuro se divisavam frestas de luz. Uma manhã o leiteiro deu com o ovelheiro morto na calçada, decapitado e mutilado. No inverno cortaram as araucárias. Ninguém voltou a ver Preetorius, que, segundo parece, não tardou a deixar o país.

Tais notícias, como é de supor, inquietaram-me. Sei que meu traço mais notório é a curiosidade que me levou certa vez à união com uma mulher completamente alheia a mim, só para saber quem era e como era, a praticar (sem resultado apreciável) o uso do láudano, a explorar os números transfinitos e a empreender a atroz aventura que vou relatar. Fatalmente decidi investigar o assunto.

Minha primeira medida foi ver Alexander Muir. Lembrava-me dele empertigado e moreno, de uma magreza que não excluía a força; agora os anos o tinham encurvado e a barba retinta ficara grisalha. Recebeu-me em sua casa de Temperley, que previsivelmente parecia com a de meu tio, já que ambas correspondiam às sólidas normas do bom poeta e mau construtor William Morris.

O diálogo foi parco; não em vão o símbolo da Escócia é o cardo. Intuí, no entanto, que o chá forte do Ceilão e a equitativa travessa de *scones* (que meu hospedeiro partia e amanteigava como se eu fosse ainda um menino) eram, realmente, um frugal festim calvinista, dedicado ao sobrinho do amigo dele.

Suas controvérsias teológicas com meu tio foram um longo xadrez, que exigia de cada jogador a colaboração do adversário.

Passava o tempo e eu não me aproximava de meu tema. Houve um silêncio incômodo e Muir falou.

— Meu jovem (*Young man*) — disse —, você não se deu o trabalho de vir até aqui para falarmos de Edwin ou dos Estados Unidos, país que pouco me interessa. O que lhe tira o sono é a venda da Casa Colorada e aquele curioso comprador. A mim, também. Francamente, a história me desagrada, mas lhe direi o que puder. Não será muito.

Daí a pouco, prosseguiu sem pressa:

— Antes de Edwin morrer, o intendente me chamou ao escritório dele. Estava com o padre da paróquia. Propuseram-me que traçasse os planos para uma capela católica. Remunerariam bem meu trabalho. Respondi-lhes imediatamente que não. Sou um servidor do Senhor e não posso cometer a abominação de construir altares para ídolos.

Aqui se deteve.

— Isso é tudo? — atrevi-me a perguntar.

— Não. Aquele judeu do Preetorius queria que eu destruísse minha obra e que em seu lugar fabricasse uma coisa monstruosa. A abominação tem muitas formas.

Pronunciou essas palavras com gravidade e se pôs de pé.

Quando dobrei a esquina, Daniel Iberra aproximou-se de mim. Conhecíamo-nos como as pessoas se conhecem nos povoados. Propôs que voltássemos caminhando. Nunca me interessaram os bandidos e previ uma fieira de causos de armazém mais ou menos apócrifos e brutais, mas me resignei e aceitei. Era quase de noite. Ao divisar de umas quadras a Casa Colorada no alto, Iberra se desviou. Perguntei-lhe por quê. Sua resposta não foi a que eu esperava.

— Sou o braço direito de dom Felipe. Nunca ninguém me chamou de frouxo. Você se lembrará daquele moço, Urgoiti, que se deu o trabalho de vir de Merlo para me provocar e do que aconteceu com ele. Olhe: noites atrás, eu vinha de uma farra; a uns cem metros da chácara, vi alguma coisa. O tobiano se espantou e, se eu não o segurasse, fazendo-o seguir pelo beco, talvez não

contasse esta história. O que vi não era para menos.

Muito zangado, acrescentou um palavrão.

Aquela noite não dormi. Por volta do amanhecer, sonhei com uma gravura à maneira de Piranesi, que eu nunca vira, ou vi e esqueci, e que representava um labirinto. Era um anfiteatro de pedra, cercado de ciprestes e mais alto que a copa dos ciprestes. Não havia nem portas nem janelas, mas uma fileira infinita de frestas verticais e estreitas. Com uma lente de aumento eu procurava ver o Minotauro. Afinal o percebi. Era o monstro de um monstro; tinha menos de touro que de bisão e, estendido na terra o corpo humano, parecia dormir e sonhar. Sonhar com quê, ou com quem?

Aquela tarde passei em frente à casa. O portão da grade estava fechado e umas barras retorcidas. O que antes fora jardim era mato. À direita havia uma sanga de pouca fundura e as bordas estavam pisoteadas.

Restava-me uma jogada, que fui retardando durante dias, não só para senti-la de todo inútil, mas porque me arrastaria à inevitável, à última.

Sem maiores esperanças, fui até Glew. Mariani, o marceneiro, era um italiano obeso e rosado, já idoso, extremamente vulgar e cordial. Bastou-me vê-lo para descartar os estratagemas que eu urdira na véspera. Entreguei-lhe meu cartão, que soletrou pomposamente em voz alta, com algum tropeço reverente ao chegar a *doutor*. Disse-lhe que me interessava a mobília fabricada por ele para a propriedade que fora de meu tio, em Turdera. O homem falou e falou. Não vou tentar transcrever suas muitas palavras e a gesticulação, mas me declarou que seu lema era satisfazer todas as exigências do cliente, por mais estrafalárias que fossem, e que ele executara o trabalho ao pé da letra. Depois de remexer em várias gavetas, mostrou-me alguns papéis que não entendi, assinados pelo esquivo Preetorius. (Sem dúvida me tomou por um advogado.) Ao nos despedirmos, confiou-me que nem por todo o ouro do mundo voltaria a pôr os pés em Turdera e muito menos na casa. Acrescentou que o cliente é sagrado, mas que, em sua humilde opinião, o senhor Preetorius estava louco. Em seguida se calou, arrependido. Nada mais consegui arrancar dele.

Eu previra aquele fracasso, mas uma coisa é prever algo, e outra, que venha a acontecer.

Disse a mim mesmo repetidas vezes que não existe outro enigma senão o tempo, essa infinita urdidura do ontem, do hoje, do futuro, do sempre e do nunca. Essas profundas reflexões acabaram sendo inúteis; depois de dedicar a tarde ao estudo de Schopenhauer ou de Royce, eu rondava, noite após noite,

pelos caminhos de terra que cercam a Casa Colorada. Algumas vezes divisei em cima uma luz muito branca; outras acreditei ouvir um gemido. Assim, até 19 de janeiro.

Foi um daqueles dias de Buenos Aires em que o homem se sente não só maltratado e ultrajado pelo verão, mas até envilecido. Seriam onze da noite quando despencou o temporal. Primeiro o vento sul e depois a água em torrentes. Vaguei procurando uma árvore. À brusca luz de um relâmpago me vi a alguns passos da grade. Não sei se com temor ou com esperança experimentei o portão. Inesperadamente, cedeu. Avancei empurrado pelo aguaceiro. O céu e a terra ameaçavam-me. Também a porta da casa estava meio aberta. Uma rajada de chuva açoitou meu rosto e entrei.

Dentro haviam tirado as lajotas e pisei num capim desgrenhado. Um cheiro doce e nauseabundo penetrava na casa. À esquerda ou à direita, não sei muito bem, tropecei numa rampa de pedra. Subi apressadamente. Quase sem refletir, fiz girar a chave da luz.

A sala de jantar e a biblioteca de minhas lembranças eram agora, derrubada a parede divisória, um único grande cômodo desguarnecido, com um ou outro móvel. Não tentarei descrevê-las, porque não estou seguro de tê-las visto, apesar da impiedosa luz branca. Vou me explicar. Para ver uma coisa, é preciso compreendê-la. A poltrona pressupõe o corpo humano, suas articulações e partes; as tesouras, o ato de cortar. Que dizer de uma lâmpada ou de um veículo? O selvagem não pode perceber a Bíblia do missionário; o passageiro não vê o mesmo cordame que os homens de bordo. Se víssemos realmente o universo, talvez o entendêssemos.

Nenhuma das formas insensatas que aquela noite me deparou correspondia à figura humana ou a algum uso concebível. Senti repulsa e terror. Num dos cantos descobri uma escada vertical, que dava para outro andar. Entre os largos lanços de ferro, que não passariam de dez, havia vãos irregulares. Aquela escada, que postulava mãos e pés, era compreensível e de algum modo me aliviou. Apaguei a luz e aguardei algum tempo no escuro. Não ouvi o menor som, mas a presença das coisas incompreensíveis perturbava-me. Afinal me decidi.

Já em cima minha mão temerosa fez girar pela segunda vez a chave da luz. O pesadelo que o andar inferior prefigurava, debatia-se e desabrochava no último. Havia muitos objetos ou alguns poucos objetos entrelaçados. Recupero agora uma espécie de longa mesa operatória, muito alta, em forma de U, com cavidades circulares nas extremidades. Pensei que podia ser o leito do habitante, cuja monstruosa anatomia se revelava assim, obliquamente,

como a de um animal ou um deus, por sua sombra. De alguma página de Lucano, lida havia anos e esquecida, veio à minha boca a palavra *anfisbena*, que sugeria mas por certo não esgotava o que depois meus olhos veriam. Também me lembro de um V de espelhos que se perdia na treva superior.

Como seria o habitante? Que podia buscar neste planeta, não menos atroz para ele do que ele para nós? De que secretas regiões da astronomia ou do tempo, de que antigo e agora incalculável crepúsculo, teria chegado a este arrabalde sul-americano e a esta precisa noite?

Senti-me um intruso no caos. Fora, a chuva tinha cessado. Olhei o relógio e vi com assombro que eram quase duas. Deixei a luz acesa e empreendi cautelosamente a descida. Descer por onde havia subido não era impossível. Descer antes que o habitante voltasse. Conjecturei que não fechara as duas portas porque não soubera fazê-lo.

Meus pés tocavam o penúltimo lanço da escada quando algo ascendia pela rampa, opressivo e lento e plural. A curiosidade pôde mais que o medo, e não fechei os olhos.

a seita dos trinta

O manuscrito original pode ser consultado na Biblioteca da Universidade de Leiden; está em latim, mas algum helenismo justifica a conjectura de que foi traduzido do grego. Segundo Leisegang, data do século iv da Era Cristã. Gibbon menciona-o, de passagem, numa das notas do capítulo 15 no seu *Decline and Fall*. Reza o autor anônimo:

… A Seita nunca foi numerosa e agora são poucos seus prosélitos. Dizimados pelo ferro e pelo fogo, dormem à beira dos caminhos ou nas ruínas que a guerra poupou, já que lhes é proibido construir moradias. Costumam andar nus. Os fatos registrados por minha pena são do conhecimento de todos; meu propósito atual é deixar escrito o que me foi dado descobrir sobre sua doutrina e seus hábitos. Discuti longamente com seus mestres e não consegui convertê-los à Fé do Senhor.

A primeira coisa que chamou minha atenção foi a diversidade de suas opiniões no que concerne aos mortos. Os menos doutos entendem que os espíritos daqueles que deixaram esta vida se encarregam de enterrá-los; outros, que não se atêm à letra, declaram que a advertência de Jesus: “Deixai que os mortos enterrem seus mortos” condena a pomposa vaidade de nossos ritos funerários.

O conselho de vender o que se possui e de dá-lo aos pobres é acatado rigorosamente por todos; os primeiros beneficiados o dão a outros e estes a outros. É esta a explicação suficiente da indigência e da nudez que também os avizinha do estado paradisíaco. Repetem com fervor as palavras: “Considerai os corvos, que nem semeiam nem ceifam; que nem têm celeiro nem armazém; e Deus os alimenta. Quão mais estimáveis sois vós do que as aves?”. O texto proscreve a poupança: “Se Deus assim reveste a erva que hoje está no campo e amanhã é lançada ao forno, quanto mais vós, homens de pouca fé? Vós, portanto, não procureis o que havereis de comer, o que havereis de beber; nem estejais em ansiosa perplexidade”.

Decretar que “quem olha para uma mulher a fim de cobiçá-la, já cometeu adultério em seu coração” é um conselho inequívoco de pureza. No entanto,

são muitos os sectários que ensinam que, se não há sob o céu homem algum que não tenha olhado para uma mulher a fim de cobiçá-la, todos nós cometemos adultério. Já que o desejo não é menos culpável que o ato, os justos podem se entregar sem risco ao exercício da mais desbragada luxúria.

A Seita evita as igrejas; seus doutores pregam ao ar livre, de um monte ou de um muro ou às vezes de um bote na margem.

O nome da Seita suscitou tenazes conjecturas. Uma deseja nos dar a cifra a que estão reduzidos os fiéis, o que é irrisório mas profético, porque a Seita, dada sua perversa doutrina, está predestinada à extinção. Outra o deriva da altura da arca, que era de trinta côvados; outra, que falsifica a astronomia, do número de noites, que são a soma de cada mês lunar; outra, do batismo do Salvador; outra, da idade de Adão, quando surgiu do pó vermelho. Todas são igualmente falsas. Não menos mentiroso é o catálogo de trinta divindades ou tronos, dos quais um é Abraxas, representado por uma cabeça de galo, braços e torso de homem e a extremidade por uma serpente enroscada.

Sei a Verdade, mas não posso discorrer sobre ela. O inestimável dom de comunicá-la não me foi concedido. Que outros, mais felizes que eu, salvem os sectários pela palavra. Pela palavra ou pelo fogo. Mais vale ser executado que dar a morte a si mesmo. Limitar-me-ei, pois, à exposição da abominável heresia.

O Verbo se fez carne para ser homem entre os homens, que o crucificariam e seriam por Ele redimidos. Nasceu do ventre de uma mulher do povo eleito não só para pregar o Amor, mas para sofrer o martírio.

Era preciso que as coisas fossem inesquecíveis. Não bastava a morte de um ser humano pelo ferro ou pela cicuta para ferir a imaginação dos homens até o fim dos dias. O Senhor dispôs os fatos de modo patético. Tal é a explicação da Última Ceia, das palavras de Jesus que pressagiam a entrega, do repetido sinal a um dos discípulos, da bendição do pão e do vinho, dos juramentos de Pedro, da solitária vigília em Getsêmani, do sonho dos doze, da prece humana do Filho, do suor como sangue, das espadas, do beijo que atraiçoa, de Pilatos que lava as mãos, da flagelação, do escárnio, dos espinhos, da púrpura e do cetro de cana, do vinagre com fel, da Cruz no alto de uma colina, da promessa ao bom ladrão, da terra que treme e das trevas.

A divina misericórdia, a que devo tantas mercês, permitiu-me descobrir a autêntica e secreta razão do nome da Seita. Em Kerioth, onde verossimilmente nasceu, perdura um conventículo chamado dos Trinta Dinheiros. Esse nome foi o primitivo e nos dá a chave. Na tragédia da Cruz

— escrevo com a devida reverência — houve atores voluntários e involuntários, todos imprescindíveis, todos fatais. Involuntários foram os sacerdotes que entregaram os dinheiros de prata, involuntária foi a plebe que escolheu Barrabás, involuntário foi o procurador da Judeia, involuntários foram os romanos que construíram a Cruz de Seu martírio e cravaram os pregos e tiraram a sorte. Voluntários só houve dois: o Redentor e Judas. Este atirou as trinta peças que eram o preço da salvação das almas e imediatamente se enforcou. Na ocasião contava trinta e três anos, como o Filho do Homem. A Seita os venera por igual e absolve os demais.

Não há um culpado único; não há um que não seja um executor, sabendo ou não, do plano traçado pela Sabedoria. Agora todos compartilham a Glória.

Minha mão resiste a escrever outra abominação. Os iniciados, ao cumprirem a idade assinalada, fazem-se escarnecer e crucificar no alto de um monte, para seguir o exemplo de seus mestres. Essa violação criminosa do quinto mandamento deve ser reprimida com o rigor que as leis humanas e divinas sempre exigiram. Que as maldições do Firmamento, que o ódio dos anjos…

O fim do manuscrito não foi encontrado.

a noite dos dons

Na antiga Confitería del Águila, na Florida à altura da Piedad, ouvimos a história.

Debatia-se o problema do conhecimento. Alguém invocou a tese platônica de que já vimos tudo num mundo anterior, de modo que conhecer é reconhecer; meu pai, creio, disse que Bacon tinha escrito que, se aprender é recordar, ignorar é de fato ter esquecido. Outro interlocutor, um senhor de idade, que estaria um pouco perdido naquela metafísica, resolveu tomar a palavra. Disse com lenta segurança:

Não consigo entender essa questão dos arquétipos platônicos. Ninguém recorda a primeira vez que viu o amarelo ou o preto ou a primeira vez que tomou gosto por uma fruta, talvez porque fosse muito pequeno e não pudesse saber que inaugurava uma série muito longa. Evidentemente, há outras primeiras vezes que ninguém esquece. Eu podia lhes contar o que me aconteceu certa noite que costumo trazer na memória, a de 30 de abril de 1874.

Os verões de antigamente eram mais longos, mas não sei por que ficamos até aquela data na propriedade de uns primos, os Dorna, a umas poucas léguas de Lobos. Naquela ocasião, um dos peões, Rufino, iniciou-me nas coisas do campo. Eu estava prestes a completar treze anos; ele era bem mais velho e tinha fama de valente. Era muito habilidoso; quando brincava de duelar com bastões encarvoados, quem ficava com o rosto sujo era sempre o outro. Uma sexta-feira me propôs que sábado à noite fôssemos nos divertir no povoado. Certamente concordei, sem saber muito bem do que se tratava. Avisei-o de que eu não sabia dançar; respondeu-me que dançar se aprende fácil. Depois do jantar, por volta das sete e meia, saímos. Rufino enfeitara-se como quem vai a uma festa e ostentava um punhal de prata; fui sem minha faquinha, de medo das zombarias. Não tardamos a avistar as primeiras casas. Vocês nunca estiveram em Lobos? Dá no mesmo; não existe um único povoado da

província que não seja idêntico aos demais, até no fato de se acreditar diferente. As mesmas ruelas de terra, os mesmos terrenos baldios, as mesmas casas baixas, como se feitas para um homem a cavalo ganhar importância. Numa esquina apeamos defronte a uma casa pintada de azul-celeste ou de rosa, com algumas letras que diziam La Estrella. Amarrados ao palanque, havia alguns cavalos com bom arreio. Pela porta da rua meio aberta vi um rastilho de luz. No fundo do corredor de entrada ficava um cômodo comprido, com bancos laterais de tábua e, entre eles, portas escuras que dariam quem sabe onde. Um cachorrinho de pelo amarelo saiu latindo para me fazer festa. Havia bastante gente; cerca de meia dúzia de mulheres com batas floridas iam e vinham. Uma senhora de respeito, trajada inteiramente de preto, pareceu-me a dona da casa. Rufino cumprimentou-a e disse:

— Aqui lhe trago um novo amigo, que não é muito de montar a cavalo.

— Já vai aprender, não se preocupe — respondeu a senhora.

Senti vergonha. Para despistar ou para que vissem que eu era menino, comecei a brincar com o cachorro, na ponta de um banco. Sobre a mesa da cozinha ardiam velas de sebo em algumas garrafas e me lembro também do pequeno braseiro num canto do fundo. Na parede caiada da frente havia uma imagem da Virgem da Misericórdia.

Alguém, entre uma pilhéria e outra, afinava uma guitarra que lhe dava muito trabalho. Por pura timidez não recusei uma genebra que me deixou a boca em brasa. Em meio às mulheres, havia uma que me pareceu diferente das outras. Chamavam-na a Cativa. Notei-lhe algo de índia, mas os traços eram um desenho e os olhos muito tristes. A trança chegava até sua cintura. Rufino, que percebeu que eu a olhava, disse-lhe:

— Conte de novo o ataque dos índios,* para refrescar a memória.

A moça falou como se estivesse sozinha e de alguma forma senti que não podia pensar em outra coisa e que aquilo era a única coisa que tinha acontecido na vida dela. Assim nos contou:

— Quando me trouxeram de Catamarca, eu era muito pequena. Que podia saber de ataques? Nas estâncias nem falavam o nome, de medo. Como um segredo, fiquei sabendo que os índios podiam cair como uma nuvem e matar a gente e roubar os animais. As mulheres eram levadas para Tierra Adentro e faziam de tudo com elas. Fiz o que pude para não acreditar. Lucas, meu irmão, que depois foi ferido de lança, me jurava que era tudo mentira, mas, quando uma coisa é verdade, basta que alguém a diga uma única vez para sabermos que é verdade. O governo reparte mantimentos e erva entre eles

para mantê-los quietos, mas eles têm bruxos muito precavidos que lhes dão conselho. A uma ordem do cacique não lhes custa nada atacar entre os fortins, que estão espalhados. De tanto cismar, eu quase tinha vontade de que viessem e costumava olhar para o rumo em que o sol se põe. Não sei calcular o tempo, mas houve geadas e verões e marcações de gado e a morte do filho do capataz antes da invasão. Foi como se o pampeiro os trouxesse. Vi uma flor de cardo numa sanga e sonhei com os índios. De madrugada aconteceu. Os animais o souberam antes dos cristãos, como nos tremores de terra. A criação estava desassossegada e as aves iam e vinham pelo ar. Corremos para olhar do lado que eu sempre olhava.

— Quem trouxe o aviso? — perguntou alguém.

A moça, sempre como se estivesse muito longe, repetiu a última frase.

— Corremos para olhar do lado que eu sempre olhava. Era como se todo o deserto tivesse começado a andar. Pelas barras de ferro da grade vimos a poeira antes de ver os índios. Vinham para o ataque. Batiam na boca com a mão e davam gritos. Em Santa Irene havia umas armas compridas, que só serviram para aturdir e para que ficassem com mais raiva.

A Cativa falava como quem diz uma prece, de cor, mas ouvi na rua os índios do deserto e os gritos. Um empurrão e estavam na sala, e foi como se entrassem a cavalo nos cômodos de um sonho. Eram bêbados dos arrabaldes. Agora, na recordação, vejo-os muito altos. O que vinha na frente acertou uma cotovelada em Rufino, que estava perto da porta. Este se transfigurou e se pôs de lado. A senhora, que não tinha se movido do lugar, levantou-se e disse:

— É Juan Moreira.

Passado o tempo, já não sei se me lembro do homem daquela noite ou do que veria tantas vezes depois no picadeiro. Penso na cabeleira e na barba preta de Podestá, mas também num rosto aloirado, picado de varíola. O cachorrinho saiu correndo para lhe fazer festa. Com uma chicotada, Moreira o deixou estendido no chão. Caiu de costas e morreu mexendo as patas. Aqui começa de verdade a história.

Ganhei sem ruído uma das portas, que dava para um corredor estreito e uma escada. Em cima me escondi num quarto escuro. Afora a cama, que era muito baixa, não sei que móveis havia lá. Eu estava tremendo. Embaixo, não cessavam os gritos e algo de vidro se quebrou. Ouvi uns passos de mulher que subiam e vi uma momentânea fresta de luz. Depois a voz da Cativa me chamou num sussurro.

— Estou aqui para servir, mas às pessoas de paz. Aproxime-se que não vou

lhe fazer nenhum mal.

Já tinha tirado a bata. Estendi-me ao lado dela e procurei seu rosto com as mãos. Não sei quanto tempo passou. Não houve nem uma palavra e nem um beijo. Desfiz sua trança e brinquei com o cabelo, que era muito liso, e depois com ela. Não voltaríamos a nos ver e nunca soube o seu nome.

Um tiro nos aturdiu. A Cativa disse:

— Você pode sair pela outra escada.

Assim procedi e me encontrei na rua de terra. A noite era de lua. Um sargento da polícia, com rifle e baioneta calada, estava vigiando o muro. Riu e disse:

— Pelo visto, você é dos que madrugam cedo.

Alguma coisa devo ter respondido, mas ele não fez caso de mim. Um homem escorregava pelo muro. De um salto, o sargento lhe cravou o aço na carne. O homem foi ao chão, onde ficou estendido de costas, gemendo e sangrando. Lembrei-me do cachorro. O sargento, para acabar com ele de uma vez, tornou a lhe enfiar a baioneta. Com uma espécie de alegria, disse:

— Moreira, de nada adiantou você disparar hoje.

De todos os lados acudiam os de uniforme que foram rodeando a casa e depois os vizinhos. Andrés Chirino teve de forçar para arrancar a arma. Todos queriam apertar a mão dele. Rufino disse, rindo:

— Para esse *compadre* já se acabaram os cortes.**

Eu ia de grupo em grupo, contando às pessoas o que vira. De repente me senti muito cansado; talvez tivesse febre. Dei o fora, procurei Rufino e voltamos. Do cavalo, vimos a luz branca do alvorecer. Mais que cansado, senti-me aturdido por aquela enxurrada de coisas.

— Pelo grande rio daquela noite — disse meu pai.

O outro assentiu:

— É isso mesmo. Ao cabo de umas poucas horas eu havia conhecido o amor e encarado a morte. Todas as coisas são reveladas a todos os homens ou, pelo menos, tudo aquilo que a um homem é dado conhecer, mas a mim, da noite à manhã, me foram reveladas essas duas coisas essenciais. Os anos passam e tantas vezes contei a história, que não sei se a recordo de fato ou se

só recordo as palavras com que a conto. Talvez tenha acontecido o mesmo com a Cativa e aquele ataque de índios. Agora pouco importa se fui eu ou se foi outro quem viu Moreira ser morto.

**Malón*, no original.

** Provável duplo sentido da palavra *cortes*: além da alusão às brigas de faca dos *compadres*, talvez se refira também ao modo como esses valentões de arrabalde dançavam o tango com *cortes*, isto é, quase parando e sem deixar espaço entre os parceiros.

o espelho e a máscara

Travada a Batalha de Clontarf, na qual o norueguês foi humilhado, o Alto Rei falou com o poeta e disse-lhe:

— As proezas mais ilustres perdem o brilho se não forem cunhadas em palavras. Quero que cantes minha vitória e em meu louvor. Eu serei Eneias; tu serás Virgílio. Julgas-te capaz de realizar essa empresa, que tornará imortais a nós dois?

— Sim, Rei — disse o poeta. — Eu sou o Ollan.* Durante doze invernos cursei as disciplinas da métrica. Sei de cor as trezentas e sessenta fábulas que são a base da verdadeira poesia. Os ciclos de Ulster e de Munster estão nas cordas de minha harpa. As leis autorizam-me a ser pródigo nas palavras mais arcaicas do idioma e nas mais complexas metáforas. Domino a escrita secreta que defende nossa arte do indiscreto exame do vulgo. Posso celebrar os amores, os roubos de gado, as navegações, as guerras. Conheço as linhagens mitológicas de todas as casas reais da Irlanda. Possuo as virtudes das ervas, a astrologia judiciária, a matemática e o direito canônico. Derrotei em certame público meus rivais. Adestrei-me na sátira, que causa doenças da pele, inclusive a lepra. Sei manejar a espada, como o provei na tua batalha. Só ignoro uma coisa: a de agradecer a dádiva que me fazes.

O Rei, a quem os discursos compridos e alheios fatigavam facilmente, disse-lhe com alívio:

— Sei muito bem essas coisas. Acabam de me dizer que o rouxinol já cantou na Inglaterra. Quando as chuvas e a neve passarem, quando o rouxinol regressar de suas terras do Sul, recitarás tua loa diante da corte e do Colégio de Poetas. Concedo-te um ano inteiro. Limarás cada letra e cada palavra. A recompensa, já o sabes, não será indigna de minha praxe real nem de tuas inspiradas vigílias.

— Rei, a melhor recompensa é ver teu rosto — disse o poeta, que era também um cortesão.

Fez as reverências e se foi, já entrevendo algum verso.

Completado o prazo, que foi de epidemias e rebeliões, apresentou o panegírico. Declamou-o com lenta segurança, sem uma espiadela no manuscrito. O Rei ia aprovando-o com a cabeça. Todos imitavam seu gesto, até os que, agrupados nas portas, não decifravam nenhuma palavra. Afinal, o Rei falou.

— Aceito teu trabalho. É outra vitória. Atribuíste a cada vocábulo a genuína acepção e a cada substantivo o epíteto que os primeiros poetas lhe deram. Não há em toda a loa uma única imagem que os clássicos não tenham usado. A guerra é o belo tecido de homens e a água da espada é o sangue. O mar tem seu deus e as nuvens predizem o futuro. Manejaste com destreza a rima, a aliteração, a assonância, as quantidades, os artifícios da douta retórica, a sábia alternância dos metros. Se toda a literatura da Irlanda se perdesse — *omen absit* —, poderia ser reconstituída sem perda com tua ode clássica. Trinta escribas vão transcrevê-la doze vezes.

Houve um silêncio e prosseguiu:

— Tudo está bem e, no entanto, não aconteceu nada. Nos pulsos o sangue não corre mais depressa. As mãos não procuraram os arcos. Ninguém empalideceu. Ninguém proferiu um grito de batalha, ninguém opôs o peito aos vikings. Dentro do prazo de um ano aplaudiremos outra loa, poeta. Como sinal de nossa aprovação, toma este espelho que é de prata.

— Agradeço e compreendo — disse o poeta.

As estrelas do céu retomaram seu claro roteiro. Outra vez o rouxinol cantou nas selvas saxônicas e o poeta retornou com seu códice, menos longo que o anterior. Não o repetiu de cor; leu-o com visível insegurança, omitindo certas passagens, como se ele próprio não as entendesse completamente ou não quisesse profaná-las. A página era estranha. Não era uma descrição da batalha, era a batalha. Em sua desordem bélica agitavam-se o Deus que é Três e Um, os numes pagãos da Irlanda e os que guerreariam, centenas de anos depois, no princípio da *Edda Maior*. A forma não era menos curiosa. Um substantivo singular podia reger um verbo no plural. As preposições eram alheias às normas comuns. A aspereza alternava com a doçura. As metáforas eram arbitrárias ou assim pareciam.

O Rei trocou umas poucas palavras com os homens de letras que o rodeavam e falou desta maneira:

— De tua primeira loa pude afirmar que era um feliz resumo de quanto se cantou na Irlanda. Esta supera todo o anterior e também o aniquila. Eleva, maravilha e deslumbra. Não a merecerão os ignaros, mas, sim, os doutos, a

minoria. Um cofre de marfim será a custódia do único exemplar. Da pena que produziu obra tão eminente podemos esperar ainda uma obra mais alta.

Acrescentou com um sorriso:

— Somos figuras de uma fábula e é justo recordar que nas fábulas prima o número três.

O poeta atreveu-se a murmurar:

— Os três dons do feiticeiro, as tríades e a indubitável Trindade.

O Rei prosseguiu:

— Como prenda de nossa aprovação, toma esta máscara de ouro.

— Agradeço e entendi — disse o poeta.

O aniversário voltou. As sentinelas do palácio observaram que o poeta não trazia manuscrito algum. Não sem estupefação o Rei olhou para ele; quase era outro. Algo, que não era o tempo, tinha sulcado e transformado seus traços. Os olhos pareciam olhar muito longe ou ter ficado cegos. O poeta pediu-lhe que trocasse umas palavras com ele. Os escravos esvaziaram a câmara.

— Não executaste a ode? — perguntou o Rei.

— Sim — disse tristemente o poeta. — Tomara Cristo Nosso Senhor me tivesse proibido.

— Podes repeti-la?

— Não me atrevo.

— Eu te dou a coragem que te faz falta — declarou o Rei.

O poeta disse o poema. Era uma única linha.

Sem se animarem a pronunciá-la em voz alta, o poeta e seu Rei a saborearam, como se fosse uma prece secreta ou uma blasfêmia. O Rei não estava menos maravilhado e menos oprimido que o outro. Os dois se olharam, muito pálidos.

— Nos anos de minha juventude — disse o Rei — naveguei rumo ao ocaso. Numa ilha vi lebréus de prata que matavam javalis de ouro. Noutra nos alimentamos com a fragrância das maçãs mágicas. Noutra vi muralhas de fogo. Na mais longínqua de todas um rio abobadado e pendente sulcava o céu e por suas águas iam peixes e barcos. Essas são maravilhas, mas não se comparam com teu poema, que de alguma forma as encerra. Que feitiçaria o deu a ti?

— No alvorecer — disse o poeta — acordei dizendo palavras que de início não compreendi. Essas palavras são um poema. Senti que tinha cometido um pecado, talvez o que o Espírito não perdoa.

— O que agora nós dois compartilhamos — murmurou o Rei. — O de ter conhecido a Beleza, que é um dom vedado aos homens. Agora nos toca expiá-lo. Dei-te um espelho e uma máscara de ouro; eis aqui o terceiro presente, que será o último.

Pôs em sua destra uma adaga.

Do poeta sabemos que se matou ao sair do palácio; do Rei, que é um mendigo que percorre os caminhos da Irlanda, seu antigo reino, e que nunca repetiu o poema.

---

* O título de Ollan equivalia ao mais alto grau da carreira literária, que dependia de doze anos de estudos rigorosos de mitologia, história, topografia, direito, gramática e retórica, bem como da memorização de trezentas e sessenta histórias correspondentes aos meses do ano lunar.

undr

Devo prevenir o leitor que as páginas por mim traduzidas serão inutilmente procuradas no *Libellus* (1615) de Adão de Bremen, que, como se sabe, nasceu e morreu no século xi. Lappenberg encontrou-as num manuscrito da Bodleiana de Oxford e as julgou, dada a quantidade de pormenores circunstanciais, uma interpolação tardia, mas publicou-as, a título de curiosidade, em seus *Analecta Germanica* (Leipzig, 1894). A opinião de um mero amador argentino vale muito pouco; julgue-as o leitor como quiser. Minha versão espanhola não é literal, mas é digna de fé.

Escreve Adão de Bremen:

… Das nações limítrofes do deserto que se dilata na outra margem do Golfo, para lá das terras onde grassa o cavalo selvagem, a mais digna de menção é a dos urnos. A incerta ou fabulosa informação dos mercadores, o rumo aleatório e as depredações dos nômades nunca me permitiram chegar a seu território. Consta, no entanto, que suas aldeias precárias e afastadas ficam nas terras baixas do Vístula. Ao contrário dos suecos, os urnos professam a genuína fé de Jesus, não maculada de arianismo nem do culto sangrento dos demônios, de que as casas reais da Inglaterra e de outras nações do Norte derivam sua estirpe. São pastores, barqueiros, feiticeiros, forjadores de espadas e trançadores. Devido à inclemência das guerras quase não aram a terra. A planície e as tribos que a percorrem nos tornaram muito habilidosos no manejo do cavalo e do arco. Sempre acabamos por nos assemelhar a nossos inimigos. As lanças são mais longas que as nossas, já que são de cavaleiros, e não de peões.

Desconhecem, como é de supor, o uso da pena, do chifre de tinta e do pergaminho. Gravam seus caracteres como nossos antepassados as runas que Odin lhes revelou, depois de ter pendido do freixo, Odin sacrificado a Odin, durante nove noites.

A essas notícias gerais acrescentarei a história de meu diálogo com o islandês Ulf Sigurdarson, homem de graves e medidas palavras. Encontramo-nos em Uppsala, perto do templo. O fogo de lenha tinha morrido; pelas frestas desiguais da parede foram entrando o frio e a alvorada. Fora deixariam sua cautelosa marca na neve os lobos cinzentos que devoram a carne dos pagãos destinados aos três deuses. Nosso colóquio começara em latim, como é de uso entre clérigos, mas não tardamos a passar para a língua do Norte que se estende desde a Última Tule até os mercados da Ásia. O homem disse:

Sou da estirpe de *skalds*; bastou-me saber que a poesia dos urnos consta de uma só palavra, para empreender sua busca e o roteiro que me conduziria à terra deles. Não sem fadigas e trabalhos cheguei, ao cabo de um ano. Era de noite; observei que os homens que cruzavam meu caminho me olhavam com curiosidade e uma que outra pedrada me atingiu. Vi o resplendor de uma ferraria e entrei.

O ferreiro ofereceu-me pouso para a noite. Chamava-se Orm. Sua língua era mais ou menos a nossa. Trocamos umas poucas palavras. De seus lábios ouvi pela primeira vez o nome do rei, que era Gunnlaug. Soube que travava a última guerra, olhava com receio os forasteiros e que crucificá-los era um hábito dele. Para evitar tal destino, menos adequado a um homem que a um Deus, empreendi a escrita de uma *drapa*, ou composição laudatória, que celebrava as vitórias, a fama e a misericórdia do rei. Mal consegui aprendê-la de cor, vieram me buscar dois homens. Não quis lhes entregar minha espada, mas deixei que me conduzissem.

Ainda havia estrelas na madrugada. Atravessamos um espaço de terra com choças dos dois lados. Tinham me falado de pirâmides; o que vi na primeira das praças foi um poste de madeira amarela. Distingui numa ponta a figura negra de um peixe. Orm, que nos acompanhara, disse-me que aquele peixe era a Palavra. Na praça seguinte vi um poste vermelho com um disco. Orm repetiu que era a Palavra. Pedi-lhe que a dissesse. Disse-me que era um simples artesão e que não a sabia.

Na terceira praça, que foi a última, vi um poste pintado de negro, com um desenho que esqueci. No fundo havia um comprido muro reto, cujos extremos não divisei. Comprovei depois que era circular, com teto de barro, sem portas interiores, e que dava toda a volta da cidade. Os cavalos amarrados ao palanque eram de pequeno porte e crinudos. Não deixaram entrar o ferreiro.

Dentro havia gente de armas, toda de pé. Gunnlaug, o rei, que estava doente, jazia com os olhos semicerrados numa espécie de tarimba, sobre couros de camelo. Era um homem acabado e amarelento, uma coisa sagrada e quase esquecida; velhas e longas cicatrizes cruzavam seu peito. Um dos soldados me abriu caminho. Alguém trouxera uma harpa. De joelhos, entoei em voz baixa a *drapa*. Não faltavam as figuras retóricas, as aliterações e os acentos que o gênero requer. Não sei se o rei a compreendeu, mas deu-me um anel de prata que ainda guardo. Sob o travesseiro pude entrever o fio de um punhal. À sua direita havia um tabuleiro de xadrez, com uma centena de casas e umas poucas peças desordenadas.

Os guardas empurraram-me para o fundo. Um homem tomou meu lugar, e ficou de pé. Pulsou as cordas como afinando-as e repetiu em voz baixa a palavra que eu teria gostado de entender e não entendi. Alguém disse com reverência: “Agora não quer dizer nada”.

Vi alguma lágrima. O homem levantava ou distanciava a voz e os acordes quase iguais eram monótonos ou, melhor ainda, infinitos. Eu teria gostado se o canto continuasse para sempre e fosse minha vida. Bruscamente cessou. Ouvi o ruído da harpa quando o cantor, sem dúvida exausto, jogou-a ao chão. Saímos em desordem. Fui dos últimos. Vi com assombro que a luz estava declinando.

Caminhei alguns passos. Sua mão em meu ombro me deteve. Disse-me:

— O anel do rei foi teu talismã, mas não tardarás a morrer porque ouviste a Palavra. Eu, Bjarni Thorkelsson, te salvarei. Sou da estirpe de *skalds*. Em teu ditirambo chamaste o sangue de água da espada e a batalha de batalha de homens. Lembro-me de ter ouvido essas figuras do pai de meu pai. Tu e eu somos poetas; vou te salvar. Agora não definimos cada fato que nosso canto acende; ciframo-lo numa única palavra que é a Palavra.

Respondi:

— Não pude ouvi-la. Peço-te que me digas qual é.

Vacilou alguns instantes e respondeu:

— Jurei não revelá-la. Além disso, ninguém pode ensinar coisa alguma. Deves procurá-la sozinho. Apressemo-nos, que tua vida corre perigo. Vou te esconder em minha casa, onde não se atreverão a te procurar. Se o vento for favorável, amanhã navegarás rumo ao sul.

Assim teve início a aventura que duraria tantos invernos. Não relatarei seus acasos nem tentarei recordar a ordem cabal de suas inconstâncias. Fui

remador, mercador de escravos, escravo, lenhador, assaltante de caravanas, cantor, catador de águas profundas e de metais. Padeci no cativeiro durante um ano, nas minas de mercúrio, que amolecem os dentes. Militei com homens da Suécia na guarda de Mikligarthr (Constantinopla). Às margens do Azov amou-me uma mulher que não esquecerei; deixei-a ou ela me deixou, o que é a mesma coisa. Fui traído e traí. Mais de uma vez o destino me obrigou a matar. Um soldado grego desafiou-me e me ofereceu a escolha entre duas espadas. Uma era um palmo maior que a outra. Compreendi que tentava me intimidar e escolhi a mais curta. Perguntou-me por quê. Respondi-lhe que de meu punho ao coração dele a distância era igual. Numa das margens do mar Negro está o epitáfio rúnico que gravei para meu companheiro Leif Arnarson. Combati os sarracenos com os Homens Azuis de Serkland. No curso do tempo fui muitos, mas esse torvelinho foi um longo sonho. O essencial era a Palavra. Uma que outra vez deixei de acreditar nela. Repeti para mim mesmo que renunciar ao belo jogo de combinar palavras bonitas era insensato e que não há por que indagar sobre uma só, talvez ilusória. Esse pensamento foi inútil. Um missionário propôs-me a palavra *Deus*, que recusei. Em certa aurora às margens de um rio que se estendia num mar, julguei ter dado com a revelação.

Voltei à terra dos urnos e deu-me trabalho encontrar a casa do cantor.

Entrei e disse meu nome. Já era noite. Thorkelsson, do chão, disse-me que acendesse uma vela grande no castiçal de bronze. Seu rosto envelhecera tanto que não pude deixar de pensar que eu mesmo era velho. Como é de hábito, perguntei-lhe pelo rei. Replicou:

— Já não se chama Gunnlaug. Agora é outro seu nome. Conta-me mais de tuas viagens.

Contei com mais ordem e com pormenores prolixos que omito. Antes do fim me indagou:

— Cantaste muitas vezes por essas terras?

A pergunta pegou-me de surpresa.

— De início — disse — cantei para ganhar a vida. Depois, um temor que não compreendo me afastou do canto e da harpa.

— Está bem — assentiu. — Já podes prosseguir com tua história.

Acatei a ordem. Sobreveio então um longo silêncio.

— Que te deu a primeira mulher que tiveste? — perguntou.

— Tudo — respondi.

— Também a mim a vida deu tudo. A todos a vida dá tudo, mas a maioria ignora isso. Minha voz está cansada e meus dedos fracos, mas escuta-me.

Disse a palavra *Undr*, que quer dizer “maravilha”.

Senti-me arrebatado pelo canto do homem que morria, mas no canto e no acorde dele vi meus próprios trabalhos, a escrava que me deu o primeiro amor, os homens que matei, as madrugadas de frio, a aurora sobre a água, os remos. Peguei a harpa e cantei com uma palavra diferente.

— Está bem — disse o outro, e tive de me aproximar para ouvi-lo. — Tu me entendeste.

utopia de um homem que está cansado

Chamou-a Utopia, vocábulo grego cujo significado é “não há tal lugar”.

Quevedo

Não existem dois morros iguais, mas em qualquer lugar da Terra a planície é uma só. Eu ia por um caminho da planície. Perguntei a mim mesmo, sem muita curiosidade, se estava em Oklahoma ou no Texas ou na região que os literatos chamam pampa. Nem à direita nem à esquerda vi cerca alguma. Como em outras vezes, repeti devagar estas linhas, de Emilio Oribe:

Em meio à pânica planície interminável
E perto do Brasil,

que vão crescendo e se estendendo.

O caminho era irregular. Começou a cair a chuva. A uns duzentos ou trezentos metros vi a luz de uma casa. Era baixa e retangular e cercada de árvores. Abriu-me a porta um homem tão alto que quase me deu medo. Estava vestido de cinza. Senti que esperava alguém. Não havia fechadura na porta.

Entramos num quarto comprido com as paredes de madeira. Pendia do teto uma lâmpada de luz amarelenta. A mesa, por algum motivo, chamou minha atenção. Na mesa havia uma clepsidra, a primeira que vi, afora alguma gravura em aço. O homem indicou-me uma das cadeiras.

Ensaiei diversos idiomas e não nos entendemos. Quando falou, o fez em latim. Juntei minhas já distantes memórias de estudante e me preparei para o diálogo.

— Pela roupa — disse —, vejo que você chega de outro século. A diversidade das línguas favorecia a diversidade dos povos e até das guerras; a

Terra retornou ao latim. Existem os que temem que volte a degenerar em francês, em limusino ou em papiamento, mas o risco não é imediato. Além do mais, nem o que foi nem o que será me interessam.

Eu não disse nada e ele acrescentou:

— Se para você não for desagradável ver outra pessoa comer, gostaria de me acompanhar?

Compreendi que se dava conta de minha inquietação e disse que sim.

Atravessamos um corredor com portas laterais, que dava para uma pequena cozinha onde tudo era de metal. Voltamos com o jantar numa bandeja: tigelas com flocos de milho, um cacho de uvas, uma fruta desconhecida cujo sabor me lembrou o do figo e uma grande jarra de água. Creio que não havia pão. Os traços de meu anfitrião eram agudos e havia algo de singular em seus olhos. Não esquecerei aquele rosto severo e pálido que não tornarei a ver. Não gesticulava ao falar.

A obrigação de falar latim me travava, mas afinal disse a ele:

— Não o surpreende meu aparecimento súbito?

— Não — replicou —, tais visitas ocorrem de século em século. Não duram muito; o mais tardar, amanhã estará em sua casa.

A certeza da voz dele me bastou. Julguei prudente me apresentar:

— Sou Eudoro Acevedo. Nasci em 1897, na cidade de Buenos Aires. Já completei setenta anos. Sou professor de letras inglesas e norte-americanas e escritor de contos fantásticos.

— Lembro-me de ter lido sem desagrado — respondeu — dois contos fantásticos. *As viagens do capitão Lemuel Gulliver*, que muitos consideram verídicas, e a *Suma teológica*. Mas não falemos de fatos. Os fatos já não têm importância para ninguém. São meros pontos de partida para o pensamento e a invenção. Nas escolas nos ensinam a dúvida e a arte do esquecimento. Antes de tudo o esquecimento de coisas pessoais e locais. Vivemos no tempo, que é sucessivo, mas procuramos viver *sub specie aeternitatis*. Do passado nos ficam alguns nomes, que a linguagem tende a esquecer. Evitamos as precisões inúteis. Não há cronologia nem história. Tampouco há estatísticas. Você me disse que se chama Eudoro; eu não posso lhe dizer como me chamo, porque me chamam alguém.

— E como se chamava seu pai?

— Não se chamava.

Numa das paredes vi uma prateleira. Abri um volume ao acaso; as letras eram claras e indecifráveis e traçadas à mão. Suas linhas angulares me lembraram o alfabeto rúnico, que, no entanto, só foi empregado para a escrita epigráfica. Pensei que os homens do futuro eram não só mais altos mas também mais hábeis. Instintivamente olhei para os dedos do homem, longos e finos.

Ele me disse:

— Agora você vai ver uma coisa que nunca viu.

Estendeu-me com cuidado um exemplar da *Utopia* de More, impresso na Basileia em 1518, no qual faltavam folhas e lâminas.

Não sem fatuidade repliquei:

— É um livro impresso. Em casa haverá mais de dois mil, embora não tão antigos nem tão preciosos.

Li em voz alta o título.

O outro riu.

— Ninguém consegue ler dois mil livros. Nos quatro séculos que vivo não terei passado de meia dúzia. Além disso, não é importante ler, mas reler. A imprensa, agora abolida, foi um dos piores males do homem, já que tendeu a multiplicar até a vertigem textos desnecessários.

— No meu curioso ontem — respondi —, prevalecia a superstição de que entre cada tarde e cada manhã acontecem fatos que é uma vergonha ignorar. O planeta estava povoado de espectros coletivos, o Canadá, o Brasil, o Congo Suíço e o Mercado Comum. Quase ninguém conhecia a história prévia daqueles entes platônicos, mas, sim, os mais ínfimos pormenores do último congresso de pedagogos, a iminente ruptura de relações e as mensagens que os presidentes mandavam, elaboradas pelo secretário do secretário com a prudente imprecisão que era própria do gênero.

Tudo isso era lido para o esquecimento, porque em poucas horas era apagado por outras trivialidades. De todas as funções, a do político era sem dúvida a mais pública. Um embaixador ou um ministro era uma espécie de aleijado que era preciso transportar em longos e ruidosos veículos, cercado de ciclistas e granadeiros e aguardado por ansiosos fotógrafos. Parecia que tinham lhe cortado os pés, costumava dizer minha mãe. As imagens e a letra impressa eram mais reais que as coisas. Somente o publicado era verdadeiro. *Esse est percipi* (ser é ser percebido) era o princípio, o meio e o fim de nosso singular conceito do mundo. No ontem que me tocou, as pessoas eram

ingênuas; acreditavam que uma mercadoria era boa porque assim o afirmava e repetia o seu próprio fabricante. Também eram frequentes os roubos, embora ninguém ignorasse que a posse de dinheiro não dá maior felicidade nem maior tranquilidade.

— Dinheiro? — repetiu. — Já não existe quem padeça pobreza, que terá sido insuportável, nem riqueza, que terá sido a forma mais incômoda da vulgaridade. Cada um exerce um ofício.

— Como os rabinos — disse eu.

Pareceu não entender e prosseguiu:

— Tampouco existem cidades. A julgar pelas ruínas de Bahía Blanca, que tive a curiosidade de explorar, não se perdeu muito. Já que não há posses, não há heranças. Quando o homem amadurece aos cem anos, está pronto para se defrontar consigo mesmo e com a solidão. Já gerou um filho.

— Um filho? — perguntei.

— Sim. Um só. Não convém fomentar o gênero humano. Há quem pense que é um órgão da divindade para ter consciência do universo, mas ninguém sabe com certeza se existe tal divindade. Creio que agora se discutem as vantagens e desvantagens de um suicídio gradual ou simultâneo de todos os homens do mundo. Mas voltemos ao nosso assunto.

Assenti.

— Completados os cem anos, o indivíduo pode prescindir do amor e da amizade. Os males e a morte involuntária não o ameaçam. Exerce alguma das artes, a filosofia, a matemática ou joga um xadrez solitário. Quando quer, se mata. Dono de sua vida, o homem também o é de sua morte.

— Trata-se de uma citação? — perguntei.

— Certamente. Já não nos restam senão citações. A língua é um sistema de citações.

— E a grande aventura de meu tempo, as viagens espaciais? — disse eu.

— Faz séculos já que renunciamos a esses translados, que foram decerto admiráveis. Nunca pudemos nos evadir do aqui e do agora.

Com um sorriso acrescentou:

— Além disso, toda viagem é espacial. Ir de um planeta a outro é como ir à chácara defronte. Quando entrou neste quarto, estava executando uma viagem espacial.

— Assim é — repliquei. — Também se falava de substâncias químicas e de animais zoológicos.

O homem agora me dava as costas e olhava pela vidraça. Fora, a planície estava branca de neve silenciosa e de lua.

Atrevi-me a perguntar:

— Ainda existem museus e bibliotecas?

— Não. Queremos esquecer o ontem, exceto para a composição de elegias. Não há comemorações, nem centenários, nem efígies de homens mortos. Cada qual deve produzir por sua conta as ciências e as artes de que precisa.

— Nesse caso, cada um deve ser seu próprio Bernard Shaw, seu próprio Jesus Cristo e seu próprio Arquimedes.

Assentiu sem uma palavra. Inquiri:

— Que aconteceu com os governos?

— Segundo a tradição foram caindo gradualmente em desuso. Convocavam as eleições, declaravam guerras, impunham tarifas, confiscavam fortunas, ordenavam prisões e pretendiam impor a censura e ninguém no planeta acatava. A imprensa deixou de publicar suas colaborações e efígies. Os políticos tiveram de procurar ofícios honestos; alguns foram bons cômicos ou bons curandeiros. A realidade, sem dúvida, terá sido mais complexa que este resumo.

Mudou de tom e disse:

— Construí esta casa, que é igual a todas as outras. Lavrei estes móveis e estes utensílios. Trabalhei o campo, que outros, cujo rosto não vi, trabalharão melhor que eu. Posso lhe mostrar algumas coisas.

Acompanhei-o a um cômodo contíguo. Acendeu a lâmpada, que também pendia do teto. Num canto vi uma harpa de poucas cordas. Nas paredes havia telas retangulares em que predominavam os tons da cor amarela. Não pareciam proceder da mesma mão.

— Esta é minha obra — declarou.

Examinei as telas e detive-me diante da menor, que representava ou sugeria um pôr-do-sol e que encerrava algo infinito.

— Se lhe agrada, pode ficar com ela, como lembrança de um amigo futuro — disse com palavra tranquila.

Agradeci-lhe, mas outras telas me inquietaram. Não direi que estavam em

branco, mas, sim, quase em branco.

— Foram pintadas com cores que seus olhos antigos não podem ver.

As delicadas mãos tangeram as cordas da harpa e mal percebi um que outro som.

Foi então que se ouviram as batidas.

Uma mulher alta e três ou quatro homens entraram na casa. Dir-se-ia que eram irmãos ou que o tempo os igualara. Meu anfitrião falou primeiro com a mulher.

— Eu sabia que esta noite você não faltaria. Tem visto Nils?

— De tempos em tempos. Continua entregue à pintura.

— Esperemos que com melhor sorte que o pai dele.

Manuscritos, quadros, móveis, utensílios; não deixamos nada na casa.

A mulher trabalhou ao lado dos homens. Envergonhei-me de minha fraqueza que quase não me permitia ajudá-los. Ninguém fechou a porta e saímos, carregados com as coisas. Notei que o telhado era de duas águas.

Depois de caminharmos quinze minutos, dobramos à esquerda. No fundo divisei uma espécie de torre, coroada por uma cúpula.

— É o crematório — disse alguém. — Dentro está a câmara letal. Dizem que foi inventada por um filantropo, cujo nome, creio, era Adolf Hitler.

O zelador, cuja estatura não me assombrou, abriu para nós a grade.

Meu anfitrião sussurrou algumas palavras. Antes de entrar no recinto, despediu-se com um gesto.

— A neve vai continuar — anunciou a mulher.

No meu escritório da rua México guardo a tela que alguém pintará, daqui a milhares de anos, com materiais hoje dispersos no planeta.

o suborno

A história que relato é a de dois homens ou mais exatamente a de um episódio em que intervieram dois homens. O fato em si mesmo, nada singular ou fantástico, é menos importante que o caráter de seus protagonistas. Ambos pecaram por vaidade, mas de um modo muito diferente e com resultado diferente. O caso (na verdade não é muito mais) aconteceu há muito pouco, num dos estados dos Estados Unidos. Penso que não podia ter ocorrido noutro lugar.

Em fins de 1961, na Universidade do Texas, em Austin, tive ocasião de conversar longamente com um dos dois, o doutor Ezra Winthrop. Era professor de inglês antigo (não aprovava o emprego da palavra *anglo-saxão*, que sugere um artefato feito de duas peças). Lembro que, sem me contradizer uma única vez, corrigiu meus muitos erros e temerárias presunções. Disseram-me que nos exames preferia não formular pergunta alguma; convidava o aluno a discorrer sobre este ou aquele tema, deixando à escolha dele o ponto preciso. De velha raiz puritana, oriundo de Boston, tinha lhe custado acostumar-se aos hábitos e preconceitos do Sul. Sentia falta da neve, mas observei que à gente do Norte ensinam a se precaver do frio, como a nós do calor. Guardo a imagem já apagada, de um homem mais para alto, de cabelo grisalho, menos ágil que forte. Mais clara é minha lembrança de seu colega Herbert Locke, que me deu um exemplar de seu livro *Toward a History of the Kenning*, no qual se lê que os saxões não tardaram a prescindir dessas metáforas um tanto mecânicas (caminho da baleia por mar, falcão da batalha por águia), enquanto os poetas da Escandinávia foram combinando-as e entrelaçando até o inextricável. Mencionei Herbert Locke porque é parte integrante de minha narrativa.

Chego agora ao islandês Eric Einarsson, talvez o verdadeiro protagonista. Nunca o vi. Chegou ao Texas em 1969, quando eu estava em Cambridge, mas as cartas de um amigo comum, Ramón Martínez López, deixaram-me a convicção de conhecê-lo intimamente. Sei que é impetuoso, enérgico e frio; numa terra de homens altos é alto. Dado seu cabelo ruivo, era inevitável que os estudantes o apelidassem de Eric, o Vermelho. Era de opinião que o uso do

slang forçosamente errôneo faz do estrangeiro um intruso e nunca condescendeu ao ok. Bom pesquisador das línguas nórdicas, do inglês, do latim e — embora não confessasse — do alemão, pouco lhe custou abrir caminho nas universidades dos Estados Unidos. Seu primeiro trabalho foi uma monografia sobre os quatro artigos que De Quincey dedicou à influência exercida pelo dinamarquês na região lacustre de Westmoreland. Deu-lhe continuidade com uma segunda monografia sobre o dialeto dos camponeses de Yorkshire. Ambos os estudos foram bem acolhidos, mas Einarsson pensou que sua carreira precisava de algum elemento de surpresa. Em 1970 publicou em Yale uma volumosa edição crítica d'*A balada de Maldon*. A *scholarship* das notas era inegável, mas certas hipóteses do prefácio suscitaram alguma discussão nos círculos acadêmicos quase secretos. Einarsson afirmava, por exemplo, que o estilo da balada é afim, ainda que de modo distante, ao fragmento heroico de *Finnsburh*, não à retórica pausada de *Beowulf*, e que seu manejo de comoventes traços circunstanciais prefigurava curiosamente os métodos que não sem justiça admiramos nas sagas da Islândia. Emendou também várias lições do texto de Elphinston. Já em 1969 fora nomeado professor na Universidade do Texas. Segundo se conta, são habituais nas universidades americanas os congressos de germanistas. O turno anterior, em East Lansing, tinha cabido por sorteio ao doutor Winthrop. O chefe do departamento que preparava para ele o ano sabático, pediu-lhe que pensasse num candidato para a temporada seguinte em Wisconsin. Além disso, estes não passavam de dois: Herbert Locke ou Eric Einarsson.

Winthrop, como Carlyle, havia renunciado à fé puritana de seus antepassados, mas não ao sentimento da ética. Não recusara dar o conselho; seu dever era claro. Herbert Locke, desde 1954, não se esquivara a ajudá-lo em certa edição anotada da *Gesta de Beowulf* que, em determinados centros de estudo, havia substituído o uso da de Kläber; agora estava compilando uma obra muito útil para a germanística: um dicionário inglês-anglo-saxão, que poupasse os leitores da consulta, muitas vezes inútil, dos dicionários etimológicos. Einarsson era bem mais jovem; sua petulância lhe granjeara a aversão geral, sem excluir a de Winthrop. A edição crítica de *Finnsburh* tinha contribuído não pouco para difundir seu nome. Era facilmente polêmico; no Congresso faria melhor papel que o taciturno e tímido Locke. Nessas cavilações estava Winthrop quando o fato ocorreu.

Em Yale apareceu um extenso artigo sobre o ensino universitário da literatura e da língua dos anglo-saxões. No pé da última página liam-se as transparentes iniciais E. E. e, como para afastar qualquer dúvida, o nome do Texas. O artigo, redigido num correto inglês de estrangeiro, não se permitia a

menor incivilidade, mas encerrava certa violência. Arguia que iniciar aquele estudo pela *Gesta de Beowulf*, obra de data arcaica mas de estilo pseudovirgiliano e retórico, não era menos arbitrário que iniciar o estudo do inglês pelos intrincados versos de Milton. Aconselhava uma inversão da ordem cronológica: começar pela “Sepultura” do século xi, que deixa transparecer o idioma atual, e em seguida retroceder até as origens. No que se refere a *Beowulf*, bastava algum fragmento extraído do tedioso conjunto de três mil linhas; por exemplo, os ritos funerários de Scyld, que volta ao mar e veio do mar. Não se mencionava nem uma única vez o nome de Winthrop, mas este se sentiu persistentemente agredido. Tal circunstância era para ele menos importante que o fato de impugnarem seu método pedagógico.

Faltavam poucos dias. Winthrop queria ser justo e não podia permitir que o escrito de Einarsson, já relido e comentado por muitos, influísse em sua decisão. Esta lhe deu não pouco trabalho. Certa manhã, Winthrop conversou com o chefe dele; naquela mesma tarde, Einarsson recebeu o encargo oficial de viajar para Wisconsin.

Na véspera de 19 de março, dia da partida, Einarsson apresentou-se no escritório de Ezra Winthrop. Vinha se despedir e agradecer-lhe. Uma das janelas dava para uma rua arborizada e oblíqua e eles se achavam rodeados de estantes de livros; Einarsson não tardou a reconhecer a primeira edição da *Edda Islandorum*, encadernada em pergaminho. Winthrop respondeu que sabia que o outro desempenharia bem sua missão e que não tinha nada que lhe agradecer. O diálogo, se não me engano, foi longo.

— Falemos com franqueza — disse Einarsson. — Não há cristão na Universidade que não saiba que, se o doutor Lee Rosenthal, nosso chefe, me der a honra da missão de nos representar, estará agindo por conselho do senhor. Procurarei não decepcioná-lo. Sou um bom germanista; a língua de minha infância é a das sagas e pronuncio um anglo-saxão melhor que meus colegas britânicos. Meus alunos dizem *cyning*, não *cunning*. Sabem também que lhes é absolutamente proibido fumar em classe e que não podem se apresentar disfarçados de *hippies*. Quanto ao meu frustrado rival, seria de péssimo gosto que eu o criticasse; sobre a *Kenning* demonstra o exame não apenas das fontes originais mas dos trabalhos pertinentes de Meissner e de Marquardt. Deixemos essas futilidades. Devo ao senhor, doutor Winthrop, uma explicação pessoal. Deixei minha pátria no final de 1967. Quando alguém resolve emigrar para um país distante, impõe a si mesmo, fatalmente, a obrigação de ocupar espaço nesse país. Meus dois opúsculos iniciais, de caráter estritamente filológico, não correspondiam a nenhum outro fim a não ser o de provar minha capacidade. Isso evidentemente não bastava. Sempre

me interessei pela *Balada de Maldon*, que posso repetir de cor, com uma ou outra falha. Consegui que as autoridades de Yale publicassem minha edição crítica. A balada registra, como o senhor sabe, uma vitória escandinava, mas quanto à ideia de que influenciou as sagas ulteriores da Islândia, julgo-a inadmissível e absurda. Incluí-a para agradar aos leitores de língua inglesa.

— Chego agora ao essencial: minha nota polêmica do *Yale Monthly*. Como o senhor não ignora, justifica, ou pretende justificar, meu sistema, mas exagera deliberadamente os inconvenientes do seu, que, a troco de impor aos alunos o tédio da sequência de três mil versos intrincados que narram uma história confusa, dota-os de um copioso vocabulário que lhes permitirá apreciar, se não tiverem desertado, o *corpus* das letras anglo-saxônicas. Ir a Wisconsin era o meu verdadeiro propósito. O senhor e eu, meu querido amigo, sabemos que os congressos são bobagens que ocasionam gastos inúteis, mas que eles podem convir a um *curriculum*.

Winthrop olhou-o com surpresa. Era inteligente, mas tendia a levar as coisas a sério, inclusive os congressos e o universo, que pode muito bem ser uma pilhéria cósmica. Einarsson prosseguiu:

— O senhor se lembrará talvez de nosso primeiro diálogo. Eu chegara de Nova York. Era um domingo; o refeitório da Universidade estava fechado e fomos almoçar em Nighthawk. Foi então que aprendi muitas coisas. Como bom europeu, eu sempre havia pressuposto que a Guerra Civil tivesse sido uma cruzada contra os escravocratas; o senhor argumentou que o Sul estava em seu direito ao pretender se separar da União e manter suas instituições. Para dar maior força ao que afirmava, disse-me que o senhor era do Norte e que um de seus antepassados militara nas fileiras de Henry Halleck. Elogiou também a coragem dos confederados. Ao contrário dos demais, eu sei quase imediatamente *quem* é o outro. Aquela manhã me bastou. Compreendi, meu querido Winthrop, que o senhor se rege pela curiosa paixão americana da imparcialidade. Quer, antes de tudo, ser *fairminded*. Precisamente por ser homem do Norte, procurou compreender e justificar a causa do Sul. Quando soube que minha viagem a Wisconsin dependia de palavras suas a Rosenthal, resolvi aproveitar minha pequena descoberta. Compreendi que impugnar a metodologia que o senhor sempre observa na cátedra era o meio mais eficaz de obter seu voto. Redigi de imediato minha tese. Os hábitos do *Monthly* obrigaram-me ao uso de iniciais, mas fiz todo o possível para que não ficasse a menor dúvida sobre a identidade do autor. Confiei-a inclusive a muitos colegas.

Houve um longo silêncio. Winthrop foi o primeiro a rompê-lo.

— Agora compreendo — disse. — Sou um velho amigo de Herbert, cujo trabalho estimo; o senhor, direta ou indiretamente, atacou-me. Negar-lhe meu voto teria sido uma espécie de represália. Confrontei os méritos dos dois e o resultado foi o que o senhor sabe.

Acrescentou, como se pensasse em voz alta:

— Cedi talvez à vaidade de não ser vingativo. Como o senhor vê, seu estratagema não falhou.

— *Estratagema* é a palavra justa — replicou Einarsson —, mas não me arrependo do que fiz. Agirei do melhor modo para nosso centro de estudos. Além disso, eu tinha resolvido ir a Wisconsin.

— Meu primeiro viking — disse Winthrop, e olhou-o nos olhos.

— Outra superstição romântica. Não basta ser escandinavo para descender dos vikings. Meus pais foram bons pastores da Igreja evangélica; no início do século x, meus antepassados foram talvez bons sacerdotes de Thor. Na minha família não houve, que eu saiba, gente do mar.

— Na minha, houve muitos — respondeu Winthrop. — Contudo, não somos tão diferentes. Um pecado nos une: a vaidade. O senhor veio me visitar para jactar-se de seu engenhoso estratagema; eu o apoiei para jactar-me de ser um homem reto.

— Outra coisa nos une — respondeu Einarsson. — A nacionalidade. Sou cidadão americano. Meu destino está aqui, não na Última Tule. O senhor dirá que um passaporte não modifica a índole de um homem.

Apertaram-se as mãos e se despediram.

avelino arredondo

O fato aconteceu em Montevidéu em 1897.

Todos os sábados os amigos ocupavam a mesma mesa lateral no Café del Globo, à maneira dos pobres decentes que sabem que não podem mostrar a casa ou que fogem do próprio ambiente. Eram todos montevideanos; no início fora custoso para eles fazer amizade com Arredondo, homem do interior que não se permitia confidências nem fazia perguntas. Contava pouco mais de vinte anos; era magro e moreno, mais para baixo e talvez um pouco tosco. O rosto seria quase anônimo, se não o resgatassem os olhos, a uma só vez sonolentos e enérgicos. Empregado de uma mercearia na rua Buenos Aires, estudava direito nas horas vagas. Quando os outros condenavam a guerra que assolava o país e que, segundo a opinião geral, o presidente prolongava por razões indignas, Arredondo permanecia calado. Também ficava calado quando zombavam dele por ser tacanho.

Pouco depois da Batalha de Cerros Blancos, Arredondo disse aos companheiros que não o veriam por um tempo, já que tinha de ir a Mercedes. A notícia não inquietou ninguém. Alguém lhe disse que tomasse cuidado com a gauchada de Aparicio Saravia; Arredondo respondeu, com um sorriso, que não tinha medo dos *blancos*. O outro, que se filiara ao partido, não disse nada.

Mas lhe custou dizer adeus a Clara, sua namorada. Usou quase as mesmas palavras. Preveniu-a de que não esperava cartas, porque estaria muito ocupado. Clara, que não costumava escrever, aceitou o adendo sem protestar. Os dois se gostavam muito.

Arredondo morava nas imediações. Cuidava dele uma negra que tinha o mesmo sobrenome porque seus antepassados haviam sido escravos da família no tempo da Guerra Grande. Era uma mulher de toda a confiança; ordenou-lhe que dissesse, a qualquer pessoa que o procurasse, que estava no campo. Já recebera o último ordenado na mercearia.

Mudou-se para um quarto do fundo, que dava para o pátio de terra. A medida era inútil, mas o ajudava a iniciar a reclusão que sua vontade

impunha.

Da estreita cama de ferro, na qual foi recuperando o hábito de fazer a sesta, olhava com alguma tristeza para uma prateleira vazia. Vendera todos os seus livros, inclusive os de introdução ao direito. Não lhe restava senão uma Bíblia, que nunca lera e que não chegaria a terminar.

Percorreu-a página por página, às vezes com interesse, às vezes com tédio, e se impôs o dever de aprender de cor algum capítulo do Êxodo e o final do Eclesiastes. Não procurava entender o que ia lendo. Era livre-pensador, mas não deixava passar uma única noite sem repetir o Pai-Nosso, o que prometera à mãe quando veio para Montevidéu. Faltar a essa promessa de filho poderia lhe trazer má sorte.

Sabia que sua meta era a manhã do dia 25 de agosto. Sabia o número preciso de dias que tinha de transpor. Uma vez alcançada a meta, o tempo cessaria, ou melhor, nada que acontecesse depois importava. Esperava a data como quem espera a felicidade ou a libertação. Havia parado o relógio para não ficar sempre olhando para ele, mas todas as noites, ao ouvir as doze badaladas escuras, arrancava uma folha do calendário e pensava: “Um dia a menos”.

De início quis construir uma rotina. Matear, fumar os cigarros de fumo crioulo que enrolava, ler e repassar uma determinada cota de páginas, tratar de conversar com Clementina quando esta lhe trazia a comida numa bandeja, repetir e adornar certo discurso antes de apagar a vela. Falar com Clementina, mulher já idosa, não era nada fácil, pois sua memória ficara parada no campo e no cotidiano do campo.

Dispunha também de um tabuleiro de xadrez em que jogava partidas desordenadas que não chegavam ao fim. Faltava-lhe uma torre, que costumava suprir por uma bala ou por um vintém.

Para ocupar o tempo, Arredondo limpava o quarto toda manhã com um trapo e um escovão e perseguia as aranhas. A negra não gostava que ele se rebaixasse àqueles afazeres, que eram da alçada dela e que, além do mais, ele não sabia realizar.

Teria preferido acordar com o sol já bem alto, mas o costume de fazê-lo quando clareava pôde mais que sua vontade. Sentia muita falta dos amigos e sabia sem amargura que eles não sentiam falta dele, dada sua invencível reserva. Uma tarde um deles perguntou por ele e o despacharam do vestíbulo. A negra não o conhecia; Arredondo nunca soube quem era. Ávido leitor de jornais, custou-lhe renunciar a esses museus de minúcias efêmeras. Não era homem de pensar nem de matutar.

Seus dias e suas noites eram iguais, mas para ele os domingos eram mais pesados.

Em meados de julho conjecturou que cometera um erro ao parcelar o tempo, que de qualquer modo nos leva. Então deixou a imaginação vagar pela extensa terra uruguaia, ensanguentada na época; pelos acidentados campos de Santa Irene, onde havia soltado pipas; por um certo cavalinho tobiano, que já teria morrido; pela poeira que o gado levanta, quando os tropeiros o levam; pela diligência cansada que vinha todo mês de Fray Bentos com sua carga de quinquilharias; pela baía de La Agraciada, onde desembarcaram os Trinta e Três; pelo Hervidero; por coxilhas, montes e rios; pelo Cerro, que ele escalara até o farol, pensando que nas duas margens do Prata não existe outro igual. Do morro da baía passou uma vez ao morro do escudo e adormeceu.

Todas as noites a viração trazia a fresca, propícia ao sono. Nunca deixou de dormir.

Gostava profundamente da namorada, mas dissera a si mesmo que um homem não deve pensar em mulheres, sobretudo quando fazem falta. O campo acostumara-o à castidade. Quanto ao outro assunto… procurava pensar o menos possível no homem que odiava.

O ruído da chuva no terraço acompanhava-o.

Para o prisioneiro ou o cego, o tempo flui água abaixo, como por uma leve encosta. Ao chegar ao meio de sua reclusão, Arredondo conseguiu mais de uma vez esse tempo quase sem tempo. No primeiro pátio havia uma cisterna com um sapo no fundo; nunca lhe ocorreu pensar que o tempo do sapo, que confina com a eternidade, era o que buscava.

Quando a data não estava longe, começou outra vez a impaciência. Uma noite não pôde mais e saiu à rua. Tudo lhe pareceu diferente e maior. Ao dobrar uma esquina, viu uma luz e entrou num armazém. Para justificar sua presença, pediu uma aguardente amarga. Debruçados sobre o balcão de madeira, alguns soldados conversavam. Disse um deles:

— Vocês sabem que é formalmente proibido dar notícias das batalhas. Ontem à tarde nos aconteceu uma coisa que vai diverti-los. Eu e uns companheiros de quartel passamos em frente a *La Razón*. Ouvimos de fora uma voz que contrariava a ordem. Sem perder tempo, entramos. A redação estava às escuras, mas liquidamos a tiros o que continuava falando. Quando se calou, fomos buscá-lo para arrastá-lo pelas pernas, mas vimos que era uma máquina chamada *fonógrafo*, que fala sozinha.

Todos riram.

Arredondo tinha ficado escutando. O soldado disse-lhe:

— Que lhe parece o fiasco, parceiro?

Arredondo manteve silêncio. O de uniforme aproximou-se do rosto dele e disse:

— Grite logo: Viva o presidente da nação, Juan Idiarte Borba!

Arredondo não desobedeceu. Entre aplausos zombeteiros ganhou a porta. Já na rua, atingiu-o uma última injúria.

— O medo não é tonto nem acumula raiva.

Tinha se portado como um covarde, mas sabia que não o era. Voltou pausadamente para casa.

No dia 25 de agosto, Avelino Arredondo acordou depois das nove. Pensou primeiro em Clara e só então na data. Disse a si mesmo com alívio: "Adeus, obrigação de esperar. O dia já chegou".

Barbeou-se sem pressa e no espelho se defrontou com o rosto de sempre. Escolheu uma gravata vermelha e os melhores trajes. Almoçou tarde. O céu cinza ameaçava garoa; sempre o imaginara radiante. Uma ponta de amargura roçou por ele ao deixar para sempre o quarto úmido. No vestíbulo cruzou com a negra e deu a ela os últimos pesos que lhe restavam. Na placa da ferraria viu losangos coloridos e refletiu que durante mais de dois meses não pensara neles. Encaminhou-se para a rua de Sarandí. Era feriado e muito pouca gente circulava.

Não tinham dado as três quando chegou à praça da matriz. O te-déum já havia terminado; um grupo de cavalheiros, militares e prelados, descia pelos lentos degraus do templo. À primeira vista, os chapéus de copa alta, alguns ainda na mão, os uniformes, os galões, as armas e as túnicas podiam criar a ilusão de que eram muitos; na realidade, não passariam de uns trinta. Arredondo, que não tinha medo, sentiu uma espécie de respeito. Perguntou qual era o presidente. Disseram-lhe:

— Aquele que vai ao lado do arcebispo com a mitra e o báculo.

Tirou o revólver e abriu fogo.

Idiarte Borba deu uns passos, caiu de bruços e disse claramente: "Estou morto".

Arredondo entregou-se às autoridades. Depois declararia:

— Sou *colorado* e digo isso com todo o orgulho. Matei o presidente, que

atraiçoava e manchava nosso partido. Rompi com os amigos e com minha namorada, para não implicá-los; não olhei os jornais para que ninguém pudesse dizer que me incitaram. Este ato de justiça me pertence. Agora, que me julguem.

Assim os fatos terão acontecido, embora de modo mais complexo; assim posso sonhar que aconteceram.

o disco

Sou lenhador. O nome não importa. A choça em que nasci e na qual logo hei de morrer fica à beira do bosque. Do bosque dizem que se estende até o mar que rodeia toda a terra e que nele existem casas de madeira iguais à minha. Não sei; nunca vi. Tampouco vi o outro lado do bosque. Meu irmão mais velho, quando éramos pequenos, me fez jurar que nós dois derrubaríamos todo o bosque até não restar uma única árvore. Meu irmão morreu e agora procuro e continuarei procurando outra coisa. No rumo do poente corre um riacho em que sei pescar com a mão. No bosque há lobos, mas os lobos não me amedrontam e meu machado nunca me foi infiel. Não fiz o cálculo de meus anos. Sei que são muitos. Meus olhos já não veem. Na aldeia, aonde já não vou porque me perderia, tenho fama de avaro, mas que pode ter amealhado um lenhador do bosque?

Fecho a porta de minha casa com uma pedra para que a neve não entre. Uma tarde ouvi passos trabalhosos e depois uma batida. Abri e entrou um desconhecido. Era um homem alto e velho, envolto numa manta puída. Uma cicatriz atravessava seu rosto. Os anos pareciam haver dado a ele mais autoridade que fraqueza, mas notei que lhe custava andar sem o apoio do bastão. Trocamos umas palavras que não lembro. Disse afinal:

— Não tenho casa e durmo onde posso. Percorri toda a Saxônia.

Aquelas palavras convinham à velhice dele. Meu pai sempre falava da Saxônia; agora as pessoas dizem Inglaterra.

Eu tinha pão e peixe. Não falamos durante o jantar. Começou a chover. Com uns couros armei uma cama para ele no chão de terra, onde meu irmão morreu. Ao chegar a noite, dormimos.

O dia clareava quando saímos da casa. A chuva cessara e a terra estava coberta de neve recente. Deixou cair o bastão e ordenou-me que o erguesse.

— Por que devo te obedecer? — disse-lhe.

— Porque sou um rei — respondeu.

Julguei-o louco. Apanhei o bastão e lhe dei.

Falou com uma voz diferente.

— Sou o rei dos Secgens. Muitas vezes, levei-os à vitória na dura batalha, mas na hora marcada pelo destino perdi meu reino. Meu nome é Isern e sou da estirpe de Odin.

— Não venero Odin — respondi. — Venero Cristo.

Como se não me ouvisse, continuou:

— Ando pelos caminhos do desterro, mas ainda sou rei porque tenho o disco. Queres vê-lo?

Abriu a palma da mão, que era ossuda. Não havia nada na mão. Estava vazia. Foi só então que percebi que sempre a mantinha fechada.

Olhando-me fixamente, disse:

— Podes tocá-lo.

Já com algum receio pus a ponta dos dedos sobre a palma. Senti uma coisa fria e vi um brilho. A mão fechou-se bruscamente. Eu não disse nada. O outro continuou com paciência, como se falasse com um menino:

— É o disco de Odin. Tem um único lado. Na Terra não existe outra coisa que tenha um só lado. Enquanto estiver em minha mão, serei rei.

— É de ouro? — disse a ele.

— Não sei. É o disco de Odin e tem um só lado.

Então senti a cobiça de possuir o disco. Se fosse meu, poderia vendê-lo por uma barra de ouro e seria um rei.

Disse ao vagabundo que ainda odeio:

— Na choça tenho um cofre de moedas escondido. São de ouro e brilham como o machado. Se me deres o disco de Odin, eu te darei o cofre.

Disse teimosamente:

— Não quero.

— Então — disse eu — podes prosseguir teu caminho.

Deu-me as costas. Uma machadada na nuca bastou e sobrou para que vacilasse e caísse, mas, ao cair, abriu a mão e vi o brilho no ar. Marquei bem o lugar com o machado e arrastei o morto até o riacho, que estava muito cheio. Atirei-o lá.

Ao voltar para casa, procurei o disco. Não o encontrei. Faz anos que continuo à sua procura.

o livro de areia

… thy rope of sands…

George Herbert (1593-1623)

A linha consta de um número infinito de pontos; o plano, de um número infinito de linhas; o volume, de um número infinito de planos; o hipervolume, de um número infinito de volumes… Não, decididamente não é este, *more geometrico*, o melhor modo de iniciar minha narrativa. Afirmar que é verídica é agora uma convenção de toda narrativa fantástica; a minha, no entanto, *é* verídica.

Moro sozinho, num quarto andar da rua Belgrano. Fará uns meses, ao entardecer, ouvi uma batida na porta. Abri e entrou um desconhecido. Era um homem alto, de traços mal delineados. Talvez minha miopia os tenha visto assim. Todo o seu aspecto era de pobreza decente. Estava de cinza, trazia uma valise cinza na mão. Senti de imediato que era estrangeiro. De início, julguei-o velho; logo me dei conta de que seu escasso cabelo loiro, quase branco, à maneira escandinava, enganara-me. No decorrer de nossa conversa, que não duraria uma hora, soube que procedia das Orcadas.

Apontei uma cadeira para ele. O homem tardou um pouco a falar. Exalava melancolia, como eu agora.

— Vendo bíblias — disse.

Não sem pedantismo, respondi:

— Nesta casa há algumas bíblias inglesas, inclusive a primeira, a de John Wiclif. Tenho também a de Cipriano de Valera, a de Lutero, que literariamente é a pior, e um exemplar latino da Vulgata. Como o senhor vê, não são exatamente bíblias o que me falta.

Depois de um silêncio, respondeu:

— Não vendo só bíblias. Posso lhe mostrar um livro sagrado que talvez lhe interesse. Comprei-o nos confins de Bikanir.

Abriu a valise e deixou-o em cima da mesa. Era um volume in-oitavo, encadernado em tela. Sem dúvida passara por muitas mãos. Examinei-o; seu peso inusitado surpreendeu-me. Na lombada dizia *Holy Writ* e, embaixo, *Bombay*.

— Será do século xix — observei.

— Não sei. Nunca soube — foi a resposta.

Abri-o ao acaso. Os caracteres eram estranhos para mim. As páginas, que me pareceram gastas e de pobre tipografia, estavam impressas em duas colunas à maneira de uma Bíblia. O texto era cerrado e disposto em versículos. No canto superior das páginas havia algarismos arábicos. Chamou minha atenção que a página par trouxesse o número (digamos) 40 514 e a ímpar, a seguinte, 999. Virei-a; o dorso era numerado com oito algarismos. Trazia uma pequena ilustração, como é de uso nos dicionários: uma âncora desenhada à pena, como pela mão inábil de um menino.

Foi então que o desconhecido me disse:

— Olhe-a bem. Nunca mais a verá.

Havia uma ameaça na afirmação, mas não na voz.

Fixei-me no lugar e fechei o volume. Imediatamente o abri. Procurei em vão a figura da âncora, folha por folha. Para ocultar meu desconcerto, disse:

— Trata-se de uma versão da Escritura em alguma língua hindustânica, não é verdade?

— Não — replicou.

Em seguida baixou a voz como para me confiar um segredo:

— Adquiri-o num povoado da planície, em troca de umas rupias e da Bíblia. Seu dono não sabia ler. Suspeito que no Livro dos Livros viu um amuleto. Era da casta mais baixa; as pessoas não podiam pisar sua sombra, sem contaminação. Disse-me que seu livro se chamava *O livro de areia*, porque nem o livro nem a areia têm princípio ou fim.

Pediu-me que procurasse a primeira folha.

Apoiei a mão esquerda sobre a portada e abri com o polegar quase grudado ao índice. Tudo foi inútil: sempre se interpunham várias folhas entre a portada e a mão. Era como se brotassem do livro.

— Agora procure a final.

Também fracassei; mal consegui balbuciar com uma voz que não era a minha:

— Isto não pode ser.

Sempre em voz baixa, o vendedor de bíblias disse:

— Não pode ser, mas *é*. O número de páginas deste livro é exatamente infinito. Nenhuma é a primeira; nenhuma, a última. Não sei por que são numeradas desse modo arbitrário. Talvez para dar a entender que os termos de uma série infinita admitem qualquer número.

Depois, como se pensasse em voz alta:

— Se o espaço for infinito, estamos em qualquer ponto do espaço. Se o tempo for infinito, estamos em qualquer ponto do tempo.

Suas considerações irritaram-me. Perguntei:

— O senhor é, sem dúvida, religioso?

— Sim, sou presbiteriano. Minha consciência está limpa. Estou seguro de não ter ludibriado o nativo quando lhe dei a Palavra do Senhor em troca do seu livro diabólico.

Assegurei-lhe que não tinha por que se recriminar e lhe perguntei se estava de passagem por estas terras. Respondeu-me que dali a alguns dias pensava regressar à sua pátria. Foi então que soube que ele era escocês, das ilhas Orcadas. Disse-lhe que eu gostava pessoalmente da Escócia pelo amor a Stevenson e a Hume.

— E a Robbie Burns — corrigiu.

Enquanto falávamos, eu continuava explorando o livro infinito. Com falsa indiferença perguntei:

— O senhor pensa oferecer este curioso espécime ao Museu Britânico?

— Não. Ofereço-o ao senhor — replicou, e fixou uma soma elevada.

Respondi-lhe, com toda a sinceridade, que aquela era uma soma inacessível para mim e fiquei pensando. Depois de uns poucos minutos, tinha urdido meu plano.

— Proponho-lhe uma troca — disse. — O senhor obteve esse volume por umas rupias e pela Escritura Sagrada; eu lhe ofereço o montante de minha aposentadoria, que acabo de receber, e a Bíblia de Wiclif em letra gótica.

Herdei-a de meus pais.

— *A black letter Wiclif!* — murmurou.

Fui a meu quarto e trouxe-lhe o dinheiro e o livro. Virou as páginas e estudou o frontispício com fervor de bibliófilo.

— Trato feito — disse.

Assombrou-me que não regateasse. Só mais tarde eu compreenderia que entrara em minha casa com a intenção de vender o livro. Não contou as notas, e guardou-as.

Falamos da Índia, das Orcadas e dos *jarls* noruegueses que as governaram. Era noite quando o homem foi embora. Não voltei a vê-lo nem sei o nome dele.

Pensei guardar *O livro de areia* no lugar que tinha deixado o Wiclif, mas optei afinal por escondê-lo atrás de uns volumes avulsos d'*As mil e uma noites*.

Deitei-me e não dormi. Às três ou quatro da manhã acendi a luz. Fui buscar o livro impossível e virei as folhas. Numa delas vi gravada uma máscara. O canto tinha um algarismo, já não sei qual, elevado à nona potência.

Não mostrei a ninguém meu tesouro. À felicidade de possuí-lo veio somar-se o temor de que o roubassem, e depois o receio de que não fosse verdadeiramente infinito. Essas duas inquietações agravaram minha já velha misantropia. Restavam-me uns amigos; deixei de vê-los. Prisioneiro do livro, quase não saía à rua. Examinei com uma lupa a lombada desgastada e as capas, e afastei a possibilidade de qualquer artifício. Comprovei que as pequenas ilustrações distavam duas mil páginas uma da outra. Fui anotando-as num livreto alfabético, que não demorei a preencher. Nunca se repetiram. De noite, nos escassos intervalos que a insônia me concedia, sonhava com o livro.

O verão declinava, e compreendi que o livro era monstruoso. De nada me adiantou considerar que não menos monstruoso era eu, que o percebia com olhos e o apalpava com dez dedos com unhas. Senti que ele era um objeto de pesadelo, uma coisa obscena que infamava e corrompia a realidade.

Pensei no fogo, mas temi que a combustão de um livro infinito fosse igualmente infinita e sufocasse com fumaça o planeta.

Lembrei-me de ter lido que o melhor lugar para esconder uma folha é um bosque. Antes de me aposentar, trabalhava na Biblioteca Nacional, que

guarda novecentos mil livros; sei que à direita do vestíbulo uma escada curva se afunda no porão, onde estão os periódicos e os mapas. Aproveitei um descuido dos empregados para perder *O livro de areia* numa das úmidas prateleiras. Procurei não me fixar a que altura nem a que distância da porta.

Sinto um pouco de alívio, mas não quero nem passar pela rua México.

epílogo

Prologar contos ainda não lidos é tarefa quase impossível, já que exige a análise de tramas que não convém antecipar. Prefiro, por conseguinte, um epílogo.

A narrativa inicial retoma o velho tema do duplo, que moveu tantas vezes a pena sempre feliz de Stevenson. Na Inglaterra seu nome é *fetch* ou, de modo mais livresco, *wraith of the living*; na Alemanha, *Doppelgänger*. Suspeito que um de seus primeiros apelidos tenha sido o de *alter ego*. Esta aparição espectral terá procedido dos espelhos de metal ou de água, ou simplesmente da memória, que faz de cada um deles um espectador e um ator. Meu dever era conseguir que os interlocutores fossem suficientemente diferentes para serem dois e suficientemente parecidos para serem um. Valerá a pena declarar que concebi a história às margens do rio Charles, em New England, cujo curso frio me lembrou o distante curso do Ródano?

O tema do amor é muito comum em meus versos; não assim em minha prosa, que não tem outro exemplo senão “Ulrica”. Os leitores vão observar sua afinidade formal com “O outro”.

“O Congresso” é talvez a mais ambiciosa das fábulas deste livro; seu tema é uma empresa tão vasta que se confunde afinal com o cosmos e com a soma dos dias. O início opaco quer imitar o das ficções de Kafka; o fim quer se elevar, sem dúvida inutilmente, aos êxtases de Chesterton ou de John Bunyan. Nunca mereci semelhante revelação, mas procurei sonhá-la. Em seu percurso entremeei, conforme meu hábito, traços autobiográficos.

O destino que, como se sabe, é inescrutável, não me deixou em paz até que perpetrei um conto póstumo de Lovecraft, escritor que sempre julguei um parodista involuntário de Poe. Acabei por ceder; o fruto lamentável chama-se “There are more things”.

“A seita dos trinta” resgata, sem o menor apoio documental, a história de uma heresia possível.

“A noite dos dons” é talvez a narrativa mais inocente, mais violenta e mais

exaltada que oferece este volume.

"A biblioteca de Babel" (1941) imagina um número infinito de livros; "Undr" e "O espelho e a máscara", literaturas seculares que constam de uma só palavra.

"Utopia de um homem que está cansado" é, a meu ver, a peça mais honesta e melancólica da série.

Sempre me surpreendeu a obsessão ética dos americanos do Norte; "O suborno" quer refletir esse traço.

Em que pese a John Felton, a Charlotte Corday, à conhecida opinião de Rivera Indarte ("É ação santa matar Rosas") e ao Hino Nacional uruguaio "("Se tiranos, de Bruto o punhal"), não aprovo o assassinato político. Seja como for, os leitores do solitário crime de Arredondo vão desejar saber o fim. Luis Melián Lafinur pediu sua absolvição, mas os juízes Carlos Fein e Cristóbal Salvañac condenaram-no a um mês de reclusão celular e a cinco anos de prisão. Umas das ruas de Montevidéu tem agora o nome dele.

Dois objetos adversos ou inconcebíveis são a matéria dos últimos contos. "O disco" é o círculo euclidiano, que admite somente uma face; "O livro de areia", um volume de folhas incalculáveis.

Espero que as notas apressadas que acabo de ditar não esgotem este livro e que seus sonhos continuem se ramificando na hospitaleira imaginação daqueles que agora o fecham.

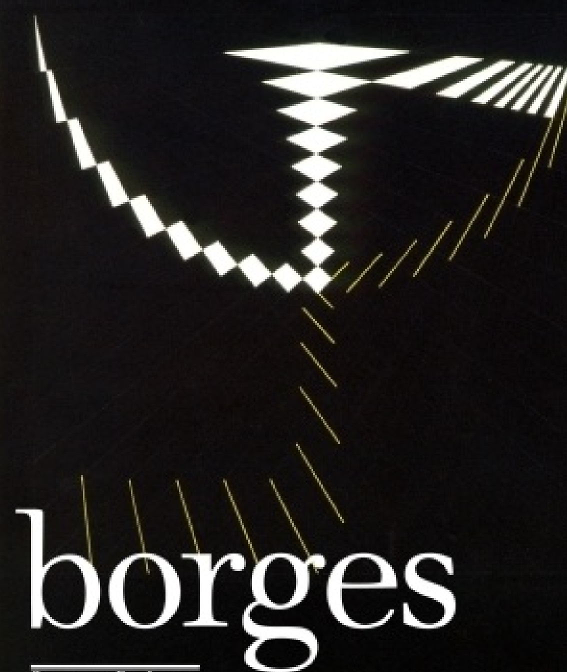
J. L. B.

Buenos Aires, 3 de fevereiro de 1975

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

título original
el libro de arena (1975)
capa e projeto gráfico
warrakloureiro
foto do autor
sara facio
preparação
márcia copola
revisão
isabel jorge cury
carmem s. da costa
atualização ortográfica
página viva
ISBN 978-85-438-0860-4

EDITORA SCHWARCZ LTDA.
rua Bandeira Paulista 702 cj. 32
04532-002 – São Paulo – SP
telefone (11) 3707-3500
fax (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br


o aleph jorge luis borges
borges
Companhia Das Letras

O aleph

Borges, Jorge Luis

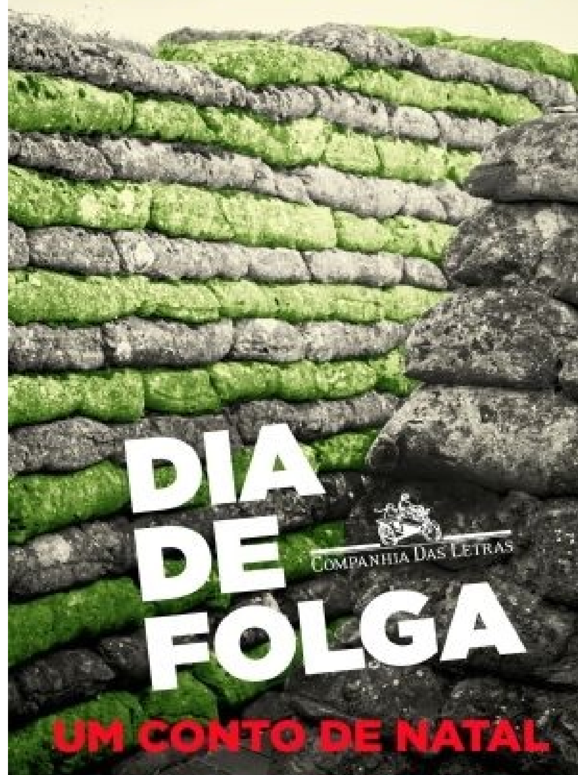
9788543806075

160 páginas

Compre agora e leia

Publicado em 1949, O aleph é considerado pela crítica um dos pontos culminantes da ficção de Borges. Em sua maioria, “as peças deste livro correspondem ao gênero fantástico”, esclarece o autor no epílogo da obra. Nelas, ele exerce seu modo característico de manipular a “realidade”: as coisas da vida real deslizam para contextos incomuns e ganham significados extraordinários, ao mesmo tempo em que fenômenos bizarros se introduzem em cenários prosaicos. Os motivos borgeanos recorrentes do tempo, do infinito, da imortalidade e da perplexidade metafísica jamais se perdem na pura abstração; ao contrário, ganham carnadura concreta nas tramas, nas imagens, na sintaxe, que também são capazes de resgatar uma profunda sondagem do processo histórico argentino. O livro se abre com “O imortal”, onde temos a típica descoberta de um manuscrito que relatará as agruras da imortalidade. E se fecha com “O aleph”, para o qual Borges deu a seguinte “explicação” em 1970: “O que a eternidade é para o tempo, o aleph é para o espaço”. Como o narrador e o leitor vão descobrir, descrever essa idéia em termos convencionais é uma tarefa desafiadoramente impossível.

Compre agora e leia


JOHN BOYNE
DIA
DE
FOLGA
COMPANHIA DAS LETRAS
UM CONTO DE NATAL

Dia de folga

Boyne, John

9788580869316

8 páginas

Neste conto breve e melancólico, John Boyne (autor do best-seller O menino do pijama listrado) acompanha o dia de folga de um jovem soldado inglês e seus companheiros, que passam a véspera de Natal em uma das trincheiras da Primeira Guerra Mundial. Enquanto relembra os natais da infância e o conforto do seu lar, ele vê e ouve as bombas alemãs caindo a sua volta. Em meio a um dos piores conflitos do século XX, o jovem irá vivenciar um espírito natalino muito diferente do que estava acostumado. Em janeiro: lançamento de dois romances inéditos de John Boyne, O tormento (Seguinte) e O ladrão do tempo (Companhia das Letras)

O FAZEDOR DE VELHOS

RODRIGO LACERDA

COMPANHIA DAS LETRAS

O Fazedor de Velhos

Lacerda, Rodrigo

9788543808321

152 páginas

Compre agora e leia

Neste premiado romance de formação, Rodrigo Lacerda escreve sobre as agruras de chegar à vida adulta.

Lançado originalmente em 2008, O fazedor de velhos conta a história de Pedro, um garoto inteligente que está às portas da vida adulta.
Com o amadurecimento, chegam questões fundamentais: que profissão escolher? Como lidar com os amores frustrados, os amigos deixados pra trás, os sentimentos confusos que teimam em perturbar?
Quem guia o garoto em meio a esses dilemas é Nabuco, um professor experiente, excêntrico e misterioso.
Insatisfeito com a faculdade de História, Pedro encontra na literatura um destino possível. Mas essa não é uma descoberta simples — e para chegar até ela é preciso trilhar um caminho de perda e sofrimento.

Compre agora e leia


Dorrit Harazim
O instante certo
Companhia Das Letras

O instante certo

Harazim, Dorrit

9788543806242

384 páginas

Compre agora e leia

Com olhar arguto e sensível, a jornalista Dorrit Harazim fala de algumas das mais importantes fotografias da história.
Há cliques que alteraram o rumo da história e os costumes da sociedade. Neste O instante certo, a premiada jornalista Dorrit Harazim conta as histórias de alguns dos mais célebres fotogramas já tirados. Assim, registros da Guerra Civil Americana servem de base para analisar os avanços tecnológicos da fotografia; uma foto na cidade de Selma conta a história do movimento pelos direitos civis; e uma mudança na lei trabalhista brasileira tem como fruto um dos mais profícuos retratistas do país.
Em seu primeiro livro, Harazin nos guia não apenas através das imagens, mas de um universo de histórias interligadas, acasos e aqueles breves momentos de genialidade que só a fotografia pode captar.

Compre agora e leia

Livia Garcia-Roza

meus QUERIDOS ESTRANHOS

Companhia Das Letras

Meus queridos estranhos

Garcia-Roza, Livia

9788543808307

152 páginas

Com uma prosa sensível e madura, Livia Garcia-Roza cria um retrato das inquietudes e das possibilidades que encontramos quando a vida nos tira do caminho planejado.

Depois de uma inesperada separação, a protagonista de Meus queridos estranhos é deixada com mais perguntas do que respostas. Quais seriam os motivos de Manoel para deixá-la após tantos anos? Como será a vida dali para frente?
Além de ter de lidar com o fim do casamento, a personagem trava embates constantes com a filha adolescente e se vê insegura diante de um possível novo amor, especialmente depois da morte inesperada do ex-marido. Como resolver esses conflitos?
A partir do olhar e dos sentimentos de uma mulher que não tem nome — mas que sintetiza dilemas tão comuns a todos nós —, a ficcionista Livia Garcia-Roza retrata com maestria os medos e as angústias que nos afligem, e também as possibilidades de renovação que a vida pode oferecer.

Compre agora e leia